

# A Notícia

## HISTÓRIAS GLORIOSAS



Elton Carvalho

Lucas Balduino

---

# **ANotícia**

## **Textos**

Elton Carvalho  
Lucas Balduino

## **Design**

Jacque Tkac

---



# Prefácio

Escutar e ler histórias. Quem não gosta? Que lembranças mais ternas e remotas isto desperta em nós? Da atenção emprestada a uma contação cheia de lances e expectativas à experiência da própria leitura, fosse num gibi, num jornal ou no livro de história dos primeiros bancos escolares. Quem já não foi envolvido por uma onda com estas emoções de ouvir ou descobrir histórias?

O JEC é uma instituição que dispensa apresentações. Tal reconhecimento, porém, não representa que não seja fonte de revelações passados 40 anos desde a sua fundação. Por mais popular que seja, nem tudo está contado dentro do contexto da intensidade que envolveu o clube do coração do joinvilense nestes 40 anos. Histórias variadas, como só o futebol e seus bastidores podem produzir.

Nunca se contarão todas as histórias do futebol, casos e ocassos, engraçados ou dramáticos, em que a estratégia pode até se fundir a algum ardil ou puxada de tapete. Pelas paixões que envolvem o esporte, é bom que seja levantada a bandeira das revelações destes bastidores de vez em quando, como fazem agora os jornalistas Lucas Balduino e Elton Carvalho ao escolherem este desafio para celebrar a passagem do 40º aniversário do Tricolor joinvilense.

Num cenário vasto de personagens e ambientes, o JEC é mais um terreno fértil à brotação de histórias que extrapolam o simples jogo de futebol. Que se formaram na incipiência das conversas que davam forma à fusão, na histórica campanha de 1976 que fez o clube campeão já em seu primeiro ano, nas inesquecíveis arquibancadas metálicas do Ernestão, nas recepções à entrada da cidade nos títulos, nas crises, nas mudanças, sejam elas de endereço ou de patamar. O JEC é a usina joinvilense de paixões e também, como se revelará aqui, de boas tiradas, vibrantes como um gol na Arena.

Comemoremos, saboreando histórias, a passagem destas quatro décadas do Joinville Esporte Clube. Fartemo-nos neste bufê de “causos”, bastidores e registros históricos que ajudam a explicar como o JEC ocupou rapidamente, nestes intensos 40 anos, lugar no cotidiano joinvilense. E muito mais, certamente, ainda será escrito. Pelo time, nos insólitos e incertos caminhos da bola, ou por quem se aventure a prender nossa atenção contando histórias.

***Boa leitura.***

*Edenilson Leandro*  
EDITOR E COLUNISTA DE “A NOTÍCIA”

---

# Índice

O MOTORISTA PÉ-FRIO .....	4
O FOGUETÓRIO .....	6
O PATROCINADOR FORTE DO JEC .....	8
O PRESUNTO DIGESTIVO QUE FALTOU NO PRIMEIRO JOGO DA HISTÓRIA .....	10
“ SE VOCÊ FICA, A GENTE TE REEMBOLSA”.....	12
O HERÓI QUE NÃO SAIU NO JORNAL .....	15
O VINHO DA CONFUSÃO .....	16
ADEMIR PADILHA, O JOGADOR LAMEIRO.....	18
O FUTEBOL IMITA A ARTE .....	20
CULPA DE UM PENTACAMPEÃO.....	22
NÃO SE CUTUCA O COELHO COM VARA CURTA.....	24
COELHO TRAVESSO .....	26
A URUCA DO SAL GROSSO.....	28
O AMULETO DE 2014 .....	30
NO SINGULAR OU NO PLURAL? .....	33
O DESAPARECIMENTO DA TAÇA .....	34
A PERUCA FOI A SALVAÇÃO .....	38
A DESCOBERTA .....	40
GRITO POR JUSTIÇA .....	42

---

A VIAGEM EM QUE O BOI QUASE VOOU.....	44
A SANTA .....	46
UM RETORNO INUSITADO .....	49
DO AVENTUREIRO PARA WEMBLEY.....	50
ELE JOGOU, FOI CAMPEÃO, MAS NÃO SE LEMBRA DA FINAL .....	52
A MAIOR VIRADA DA HISTÓRIA .....	54
O GOLEIRO QUE FUROU A IMPRENSA MUNDIAL .....	56
UMA HISTÓRIA DE AMIZADE .....	58
TEVE AJUDA DE OUTRO COELHO .....	60
CAIU NA RESENHA DO EMPRESÁRIO .....	63
PRESIDENTE QUE TROCA O PNEU E DIRIGE O ÔNIBUS....	64
TÍTULO INTERNACIONAL E O NASCIMENTO DE UM ÍDOLO .....	66
UM CLUBE SEM PRESIDENTE .....	68
A BARBEIRAGEM QUE CUSTOU CARO .....	70
A MENTIRA QUE NÃO FEZ MAL PARA NINGUÉM .....	72
A MUDANÇA DE CASA MAIS DOLORIDA .....	74
AS DISPUTAS PELO PODER .....	76
A ELEIÇÃO E A ARENA JOINVILLE .....	78
AVE, CÉSAR .....	82
O DIA EM QUE O JEC COLOCOU O INTER NA RODA .....	84
O CLÁSSICO ENTRE PAI E FILHO .....	86

# O MOTORISTA pé-frijo



Em 40 anos de existência, o Joinville já fez tantas partidas, marcou tantos gols, venceu e perdeu tantos jogos e escreveu tantas histórias que, em alguns casos, é difícil dizer com precisão o que aconteceu e quando isso, de fato, aconteceu. A tarefa fica ainda mais difícil quando um fato tem como personagem central o técnico Maurílio José de Souza – o Velha – lendário por seus causos.

Velha teve três passagens pelo comando do Tricolor entre 1977 e 1983 (ano em que foi campeão Catarinense pelo clube). Em uma delas, protagonizou a seguinte história:

À época, sem ônibus próprio, o Joinville precisava contratar uma empresa de viagens para levar a delegação até as partidas fora de casa. Por questões de escala dos profissionais dessas agências, o motorista nem sempre era o mesmo.

Supersticioso como só ele, Velha percebeu que sempre que determinado motorista era o responsável por conduzir o Tricolor até o local do jogo, a equipe nun-

ca vencia. E não foram poucos os jogos que o JEC fez para que o treinador chegasse à conclusão.

– E era verdade. Sempre que a gente era levado por aquele motorista, que não lembro o nome, a gente só perdia ou empatava – recorda Nardela, testemunha ocular do fato.

A solução encontrada para afastar a “uruca” do motorista foi a menos ortodoxa possível. Velha chamou um massagista e pediu para que ele lhe entregasse uma garrafa de álcool. Com a garrafa em mãos, o treinador encharcou parte do chão com o líquido e pediu para que chamassem o piloto.

Quando ele entrou no vestiário e foi posicionado acima da poça de álcool, Velha prontamente riscou um palito de fósforo e atirou na direção do chão, fazendo levantar fogo sobre o pé do pobre funcionário da empresa de ônibus.

– Pronto. Motorista que leva meu time tem que ter o pé quente. Agora, está tudo bem. Vamos jogar.

Coincidência ou não, o JEC venceu aquela partida.

# O FOGUETÓRIO

Dormir às vésperas de uma decisão de campeonato é algo que poucos atletas conseguem fazer. A ansiedade toma conta dos mais jovens e, vez ou outra, atinge até os atletas experientes. Nem os artlheiros conseguem escapar da aflição. Soa até irônico, pois são eles os jogadores mais frios quando é preciso colocar a bola na rede.

Na madrugada de 13 de julho, o goleador do Campeonato Cata-

rinense de 1996 sabia que dormir seria uma tarefa quase impossível. Tudo porque, aos 22 anos, Marcos Paulo já carregava status de ídolo do JEC.

Semanas antes, quase marcou seu nome na história do Joinville. O JEC recebeu a Chapecoense na última partida do retorno do quadrangular. Como havia vencido o turno, o Tricolor precisava ganhar por dois gols de diferen-





ça para conquistar também o retorno e levar o título estadual de forma antecipada.

O primeiro objetivo foi alcançado: aos 53 minutos do segundo tempo, Jairo Santos marcou e o Joinville venceu por 3 a 2. No entanto, faltava um gol. E ele veio. No minuto seguinte, após uma grande confusão no escanteio, Marcos Paulo ficou com a sobra. A bola entrou e o Ernestão explodiu.

A torcida invadiu o campo, comemorou o gol, Marcos Paulo fez a festa, mas o árbitro João Paulo Araújo, que havia validado o gol, voltou atrás. Na cobrança do escanteio de Jairo Santos, a bola saiu. Mas isso só foi divulgado muito tempo depois, quando o árbitro já estava no vestiário.

A frustração no dia 29 de junho se transformou em motivação para o dia 13 de julho. E quando Marcos Paulo finalmente controlou a ansiedade para dormir, uma bateria de foguetes o acordou. O barulho despertou também o companheiro de quarto, Regilson.

– Às duas horas da manhã, eu levantei com o foguetório. Como eu dormia perto da janela, escutei muito barulho. E o foguetório não acabava. Eu e o Regilson fomos para o corredor do hotel para tentar descansar. Ficamos sentados, esperando, com medo, mas o foguetório só foi parar depois das três horas da manhã – recorda.

O susto mexeu com os jogadores do JEC no Hotel Bertaso, no Cen-

tro de Chapecó. A maioria passou a madrugada em claro. Marcos Paulo dormiu pouco, mas acordou com a mesma disposição. Às nove da manhã, hora do café, recebeu a notícia que não imaginava: o Joinville não jogaria a final no Estádio Índio Condá.

– Nós não participamos da decisão, foi algo que surpreendeu a todos. Muita gente estava cansada, as condições físicas não eram as melhores, mas nós queríamos jogar.

Mesmo em vantagem – o Joinville venceu o jogo de ida por 2 a 0 e precisava de um empate –, o presidente Vilson Florêncio se manteve irredutível. O JEC não jogou a decisão alegando cansaço. O caso parou na Justiça e teve solução apenas seis meses depois. Uma nova final foi marcada para 18 de dezembro. Na ocasião, o Tricolor perdeu por 2 a 0 e acabou com o vice-campeonato.

O histórico foguetório de Chapecó mudou os rumos da final, mas altera a convicção de Marcos Paulo que, 20 anos depois do caso, garante:

– A gente não foi campeão de direito, mas somos os verdadeiros vitoriosos de 1996. Apesar de a gente estar motivado, não dá para dizer que a adrenalina em dezembro era a mesma de julho. Em dezembro, nós já não contávamos com alguns jogadores que foram vendidos. Em julho, estávamos completos. Nosso time era melhor e faríamos história naquele dia.

---

# O PATROCINADOR forte do JEC

A fundação do Joinville Esporte Clube, em 1976, teve como grandes parceiros João Hansen Júnior e Carlos Roberto Hansen, o Cau Hansen. Pai e filho têm até hoje títulos importantes na história do JEC. João Hansen Júnior é presidente de honra do Tricolor. Cau Hansen recebeu a homenagem de patrono do Joinville. Cau, inclusive, foi vice-presidente do JEC durante algumas gestões do ex-presidente Waldomiro Schützler.

Por meio de João e Cau, durante anos, o Joinville estampou em sua camisa o patrocínio da Tigre, empresa da Cia. Hansen Industrial, hoje Tigre Participações S/A. Nos bastidores, a Tigre ajudava na contratação de jogadores para o JEC. O investimento no patrocínio, no entanto, não chegava a ser o motor das finanças tricolores.

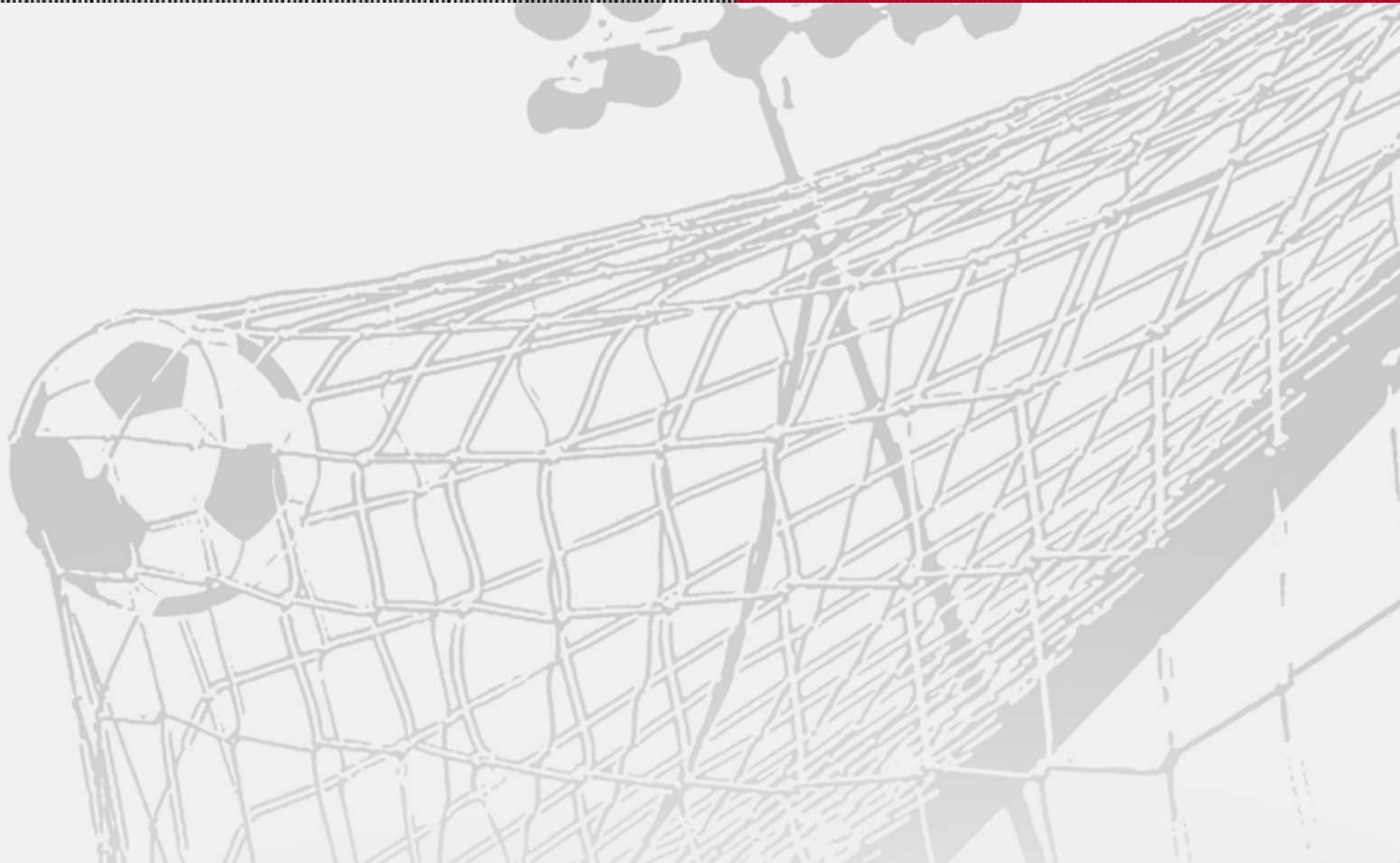
De 1978 a 1990, quem sustentou

a formação dos grandes times foi o JEC Ouro, título de capitalização que rendia prêmios aos seus compradores. Do JEC Ouro surgiu também o mascote do JEC, o Coelho, porque era o símbolo do carnê – falava-se que o pé do Coelho trazia sorte aos apostadores.

O JEC Ouro tinha autorização do Ministério da Fazenda para funcionar. Waldomiro Falcão, voluntário do JEC e funcionário da Receita Federal, foi quem conseguiu bolar a criação do título. O presidente, Waldomiro Schützler, teve outro plano tão bom quanto a obra de Falcão: distribuir o carnê para os funcionários das empresas parceiras do JEC.

Deste modo, o JEC Ouro chegou a ter 30 mil compradores, que não necessariamente eram torcedores do Joinville, mas pessoas interessadas em concorrer aos prêmios.

---



Havia até compradores de outras regiões do Norte do Estado. O sucesso do carnê patrocinava o investimento do Joinville no futebol.

Mas isso mudou em 1990. A partir daí, a fonte de receitas do Joinville secou. O próprio Waldomiro Schützler reconheceu em entrevista ao site Nasceu Campeão que o clube dependia mais do título de capitalização do que da Tigre.

– Ela (a Tigre) dava a sua contribuição mensal ao JEC, como outras empresas também davam, mas nunca pagou para estampar a sua marca nas camisas. O Cau, que era o vice-presidente na época, me disse que se tiver alguma outra empresa que queira patrocinar o JEC, abriria espaço na camisa para aumentar a receita do JEC.

Nos anos seguintes, o Joinville até conseguiu levantar recursos com outra promoção do gênero,

o Bingão do JEC. E, a exemplo do que aconteceu com o JEC Ouro, outra medida do governo federal extinguiu a fonte de receita.

Hoje, o Joinville descobriu outra maneira de ter receita: os sócios. Eles representam a maior fonte de receita do clube. Agora, o desafio é tornar sócias as pessoas que não são torcedores do JEC, assim como eram os compradores do JEC Ouro. Por este motivo, o departamento de marketing investe em parcerias para conseguir descontos exclusivos para estes torcedores em supermercados, TVs por assinatura, lojas de esportes e outros.

Recentemente, até houve (sem sucesso) um plano de resgatar o JEC Ouro. O Joinville planejava uma parceria com outro título de capitalização para fomentar as promoções. A ideia, no entanto, não saiu do papel.

---

# O PRESUNTO DIGESTIVO que faltou no primeiro JOGO DA HISTÓRIA

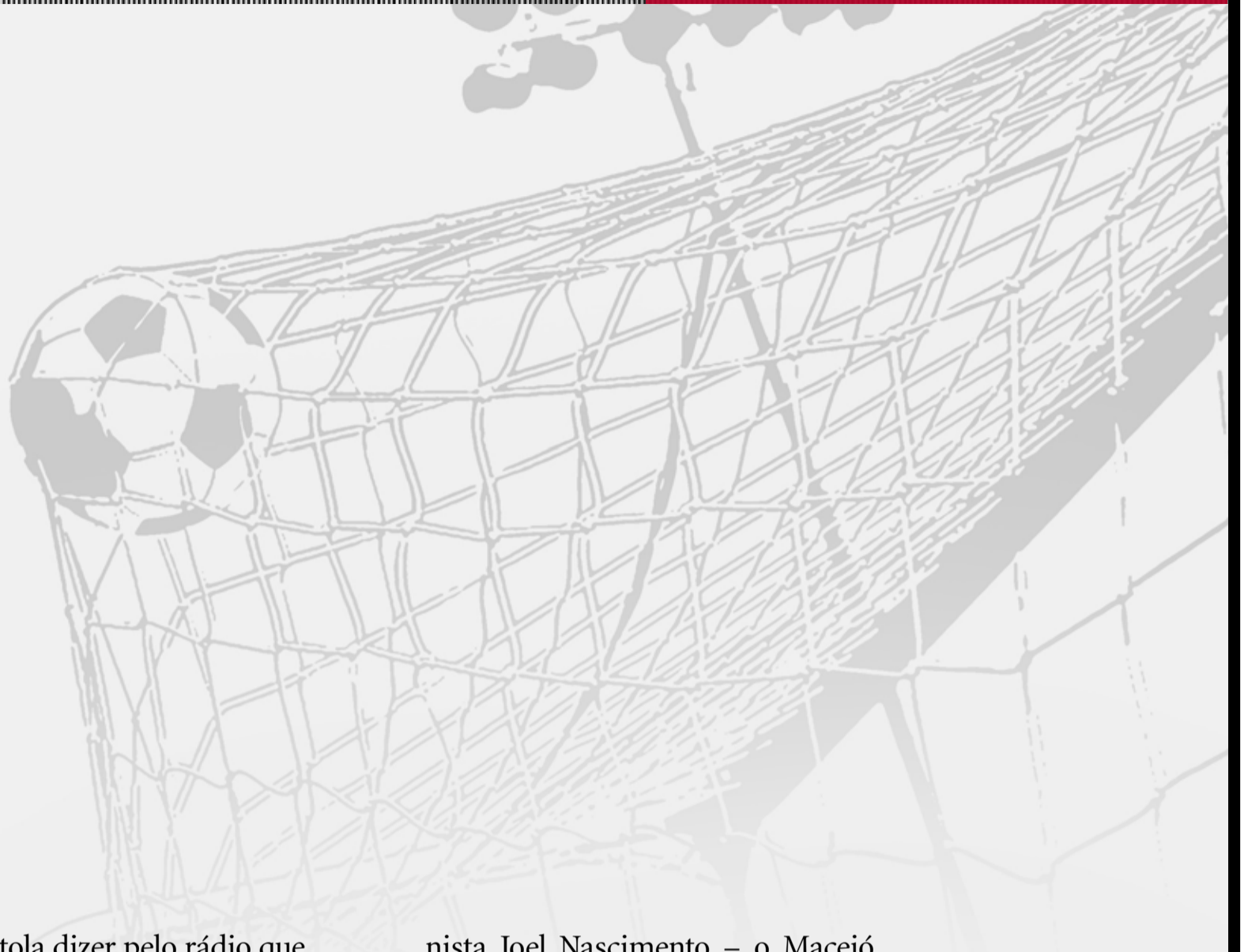
Todo torcedor do Joinville que conhece minimamente a história do clube sabe que a primeira partida oficial do escute tricolor foi em um amistoso contra o Vasco da Gama, que terminou empatado por 1 a 1. Aqueles que são um pouco mais aficionados pelo passado são capazes de escalar o primeiro time a entrar em campo. Mas o que poucos têm conhecimento é que um atleta, que certamente seria titular daquela equipe, sequer foi relacionado para o jogo e ficou fora da primeira foto oficial: o ponta-direita Ratinho.

Aos 34 anos, o ponta, que antes brilhara no São Paulo e, principalmente, na Portuguesa, residia em

Joinville em 1976. É evidente, então, se imaginar que um jogador nascido em São Francisco do Sul, identificado com Joinville e com uma consolidada carreira no futebol brasileiro teria um lugar entre os 11 iniciais que seriam escalados por João Lima.

Teria, não fosse uma animosidade com o diretor de futebol Claudio Costa.

Ratinho foi procurado para atuar pelo Joinville naquele jogo. Mas, por um “desencontro”, acabou faltando a dois treinamentos da equipe que estava nascendo e não foi perdoado pelo então diretor de futebol. Ao chegar ao estádio, como torcedor,



ouviu o cartola dizer pelo rádio que ele havia faltado às atividades e que, por isso, foi descartado. E que não seria Ratinho o destaque daquela partida, e, sim, o Vasco da Gama.

Jogador que chegou a fazer parte da relação de 40 atletas pré-convocados para a Copa do Mundo de 1970, o ponta-direita sentiu a sua honra ofendida e deu a sua versão dos fatos. Disse que faltou a um coletivo porque sentia dores na perna, mas que, mesmo assim, treinava fisicamente todos os dias e não se negaria a jogar contra o Vasco.

Talvez nenhuma definição para a ausência de Ratinho naquele jogo seja tão precisa quanto a do colu-

nista Joel Nascimento – o Maceió – para mostrar a importância que o atleta teria dentro das quatro linhas:

– Rato seria uma excepcional atração, um presunto tão digestivo como os grandes jogadores que o Vasco trouxe a Joinville – escreveu, à época, em sua coluna no jornal “A Notícia”.

Pouco tempo depois, a história foi colocada em panos quentes. Quando Ratinho foi procurado pelo Inter de Lages para fazer parte da equipe no Estadual de 1976, o Joinville se atravessou na negociação e contratou o jogador, que ajudou o time a chegar ao primeiro título do Catarinense logo no ano de sua fundação.

# "SE VOCÊ FICAR, a gente te REEMBOLSA"

O maior talento revelado pelo Joinville nos últimos anos só apareceu para o futebol porque aceitou uma proposta de risco ofertada pelo clube. Mas para entender essa história, é preciso voltar um pouco mais no tempo e viajar de Joinville para Barra do Piraí, no Rio de Janeiro. Foi no interior do Rio que nasceu Ramires, atual jogador do Chelsea. Antes de desembarcar na Inglaterra, o jogador teve passagens por Benfica, Cruzeiro e JEC. No entanto, até chegar ao Tricolor, o volante teve de lutar bastante.

Ramires morava numa casa com 12 pessoas. O espaço tinha apenas dois quartos. Num deles, dividia a cama de casal com o irmão e a irmã. No verão, o aperto ficava pior em razão do calor. O quarto sequer tinha ventilador. O jeito era

passar boa parte do tempo fora de casa – o problema é que, na volta, nem sempre havia comida.

– Por isso, para mim, até hoje, feijão e arroz são suficientes – disse em entrevista ao repórter Thiago Asmar, da TV Globo, em 2013.

As dificuldades na casa eram tão grandes que o irmão Maicon comprava roupas para uso próprio e as compartilhava com Ramires. Normalmente, as peças ficavam ajustadas ao corpo de Ramires e apertadas para Maicon. Era a melhor ideia para que a dupla pudesse dividir as roupas.

O cenário obrigava Ramires a buscar um emprego para ajudar nas despesas de casa. Com 15 anos, trabalhou como servente de pedreiro. Sua função era carregar pedras, areia, tijolos e fazer pinturas, quando necessário. Durante

um ano e meio, Ramires ocupou boa parte do tempo nesta função.

O carrinho de mão só era trocado pelas chuteiras no fim do trabalho. Ramires corria para o campo do América de Barra do Piraí (RJ) e lá esquecia o cansaço porque fazia o que gostava. Aos 17 anos, mostrou qualidade, mas mantinha os pés no chão em razão da impossibilidade de participar das peneiras dos grandes clubes por causa da distância e da falta de condições financeiras para se deslocar.

– Eu já tinha desistido de jogar futebol. Só que jogar depois do trabalho era o que eu mais gostava, por isso, continuava treinando.

Foi aí que Ramires e Joinville se cruzaram. A base do Tricolor disputou a Taça Rio, no Rio de Janeiro. Num dos jogos, o JEC enfrentou o América de Barra do Piraí. O Joinville venceu o jogo por 2 a 1, e o destaque do duelo foi Ramires, autor do gol do América.

– Eles gostaram de mim, falaram com a minha família e disseram que queriam que eu fosse para lá (Joinville). Mas me disseram o seguinte: ‘Você compra a passagem, guarda um dinheiro para a volta e vai para lá. Se você ficar, a gente te reembolsa. Se não ficar, volta para o Rio’ – recorda o jogador.



Ramires só conseguiu o dinheiro para pagar a passagem de quase R\$ 200 para Joinville graças a uma “vaquinha” entre os familiares. Todos ajudaram, apostando no sucesso do jovem. Com o dinheiro na mão, ele seguiu viagem, desembarcou na rodoviária de Joinville, chegou a ter medo – na rodoviária, foram duas horas de espera pelos dirigentes tricolores –, mas foi encontrado e, nos dias seguintes, começou os treinos.

Estar no Norte de Santa Catarina era a realização de um sonho para Ramires. No JEC, disse ter encontrado o clube ideal para jogar profissionalmente em razão da estrutura oferecida. A empolgação não o livrou das cobranças no começo da carreira.

Ramires atuou como lateral-direito no JEC e teve dificuldades em 2005. O destaque só surgiu quando ele foi deslocado ao meio-campo, onde atuou como volante. Em 2006, na Série C, chamou a atenção justamente

como homem do meio-campo.

No ano seguinte, já estava na mira do Cruzeiro. Não demorou muito para ele ser emprestado, com valor de direitos econômicos fixados em 300 mil dólares. O Cruzeiro voltou a agir rápido e aproveitou a barganha para comprar 70% dos direitos econômicos por este valor. Os outros 30% ficaram com o JEC, que acabou reembolsado quando o Benfica adquiriu Ramires. Por ter estes 30%, o Tricolor recebeu 1,5 milhão de euros – R\$ 4,2 milhões à época.

O negócio de Ramires foi o maior dos 40 anos do Joinville. Parece até um pouco de sorte diante de tudo o que aconteceu. Hoje, o volante virou motivo de orgulho para os joinvillenses. E não é para menos. Ramires casou na cidade, participou de dois amistosos com a camisa do JEC, mantém contato com pessoas de Joinville e garante: ainda voltará a vestir a camisa tricolor.



# O HERÓI QUE NÃO SAIU NO JORNAL

Oito de maio de 1999. Estádio Orlando Scarpelli, Florianópolis. Treze minutos do segundo tempo da prorrogação. Naquele momento, surgia um herói. Renato Abreu, o camisa 17 do Joinville, saiu do banco de reservas e, quando teve a bola nos pés, decidiu arriscar a uma distância de quase 40 metros. A bola saiu com muita força de seu pé esquerdo e acertou o ângulo do goleiro Leandro.

O barulho da rede estufada veio acompanhado por um grande silêncio, provocado pelo próprio Renato, que, com o dedo, pedia para a torcida do Figueirense se calar. Quem gritava eram os torcedores do JEC e os atletas da equipe. O golaço dava o título do turno ao Tricolor em plena Capital.

Nos segundos subsequentes ao gol, Renato comemorou e viu o futuro: sua foto estampada em jornais; a manchete “Joinville campeão”; o dia de herói. Tudo estava na cabeça. Um momento histórico para quem tinha apenas 20 anos e morava debaixo das arquibancadas do Estádio Ernestão.

– Comecei no banco, mas estava louco para jogar aquela final. Quando fiz o gol, tinha a certeza de que seria o herói do título e entrei no jogo pen-

sando em ser mesmo o cara decisivo do jogo – lembra o meia.

No entanto, a página dos jornais do dia seguinte teve de ser reescrita um minuto e meio depois. Genilson se jogou, fora da área. Gilson Aparício Pauletti correu para a marca da cal e apontou o pênalti de Panambi sobre o atacante do Figueirense.

Pronto. A imaginação estava desfeita. O explosivo Renato foi o primeiro a partir para cima do árbitro, inconformado com a decisão que roubava seu sonho.

– Eu fiquei revoltado, sem noção, perdi a cabeça. Ele tentava, mas não conseguia dar a justificativa para ter marcado aquele pênalti. Todo mundo entendeu que fomos roubados para ter a final entre Figueirense e Avaí.

Ainda inconformado, Renato assistiu ao gol de Genilson. Nos vestiários, só o chapéu ajudava a identificá-lo. O rosto, ele não conseguiu erguer de tanta tristeza. Foi assim durante as duas horas de trajeto de Florianópolis a Joinville. Naquele dia, o jovem Renato aprendeu que no futebol nem sempre os sonhos viram realidade nas páginas dos jornais.

Quem achou impressionante a vitória da Alemanha sobre o Brasil por 7 a 1 na Copa do Mundo de 2014 talvez ficaria ainda mais impressionado se voltasse no tempo, mais precisamente ao ano de 1976. O jogo não tinha tamanha relevância, mas o placar que o Joinville aplicou em cima do Ypiranga, de Tangará, foi ainda superior: 11 a 1. Mais surpreendente do que o placar foi o que aconteceu depois do jogo: uma confusão envolvendo os jogadores do Tricolor na viagem de volta.

O município de Tangará, cidade do Meio-oeste catarinense, é conhecido pelos vinhos que produz. À época, os jogadores do JEC aproveitaram para comprar alguns garrafões que trariam a Joinville.

Mas, com a euforia pelo resultado, e pelo fato de ser aniversário do ponta-direita Ratinho, decidiu-se comemorar ali mesmo, dentro do ônibus. Alguns jogadores pediram permissão ao capitão Fontan para abrir o vinho. Evidentemente, ele não viu problemas.

Só que não foi dessa forma que o supervisor João Lima viu a situação. Para ele, aquilo era inconcebível para uma equipe profissional. Quando sentiu o cheiro da bebida, levantou-se do assento onde estava e deu uma

ríspida bronca no grupo. O que ele não esperava era a reação de Fontan, que bateu de frente e defendeu os companheiros.

Saiu tanta faísca do embate que alguns jogadores, como Piava, por pouco não foram às vias de fato com João Lima.

Na volta do grupo para Joinville, o presidente Waldomiro Schützler convocou uma reunião com o grupo antes do treinamento. Ele apareceu ao lado de João Lima – que havia feito o relatório da confusão e apresentado a sua versão dos fatos – e foi cobrar satisfações. Quando o dirigente indagou quem havia bebido, Fontan foi o primeiro a erguer a mão. O gesto foi repetido por todos os outros jogadores da equipe.

– Então está todo mundo multado em 30% do salário – sentenciou o presidente.

O capitão Fontan achou injusta a punição e não se conteve.

– Mas o João Lima não poderia ter falado da gente da forma que falou, sem respeito – retrucou.

Salomônico, Schützler completou:

– Pois bem. Também está multado em 30%.



# O VINHO

## da confusão



# ADEMIR PADILHA, o jogador lambeiro



Os torcedores mais jovens do Joinville só o conhecem pelo nome. Mas, entre os mais veteranos frequentadores das arquibancadas, existe uma certa unanimidade: Ademir Padilha foi um dos maiores, se não o maior, ponta-esquerda que já vestiu a camisa do Tricolor. Assim como Ayrton Senna ficou famoso por ser mestre em pilotar na chuva na Fórmula 1, o booleiro se destacou por fazer seu futebol brilhar ainda mais quando os campos estavam encharcados.

Não se sabe até que ponto é verdade e até que ponto é lenda. Mas uma história é contada e recontada para ilustrar o quanto Padilha se sentia confortável em jogar na lama.

Em dias de chuva, o campo ficava pesado e o ponta-esquerda se aproveitava de sua força e velocidade para se livrar dos zagueiros e partir em direção à linha de fundo. Nos dias de sol, reza a lenda que os responsáveis pelo gramado molhavam o lado do campo em que ele atuaria.

Infelizmente, Ademir Padilha não pode confirmar a história. Em 1998, quando tinha apenas 37 anos, morreu depois de ter se engasgado durante o almoço. Chegou a ser encaminhado para um hospital, mas a perda de oxigênio no cérebro lhe tirou a vida.

Quem recorda dele lembra com saudosismo. Nardela foi companheiro de time e

descreve bem como o companheiro se destacava.

– Ele era um daqueles dribladores. Ele driblava bem, partia pra cima dos caras. Como tinha força física, ninguém o derrubava. Ele não caía. Em campos pesados, os defensores não podiam com ele. Quando chovia, era pior ainda – cita Nardela.

Mas o maior jogador da história do Joinville não confirma a lenda de que os campos eram molhados propositalmente para que Ademir Padilha se destacasse.

– Invariavelmente, o campo estava molhado. Em Joinville, sempre choveu muito. Então, sempre jogávamos com o campo molhado – explica o camisa 8.

A fama de jogador lameiro perdura até hoje. A chuva ainda é uma constante na vida dos joinvilenses, principalmente daqueles que vão às arquibancadas dispostos a encarar garoa ou temporal.

Ah, que bom seria ver alguém como este jogador descrito pelo jornalista Joel Nascimento, o Maciô, em campo mais uma vez:

– Ademir era um deus alado. Atleta da mais nobre linha genética. Com o pé direito, punha a bola onde queria. De curva, de trivela, ensaiando a velha coreografia dos grandes bailarinos. E, com o esquerdo, batia forte. Era mortal nos chutes a meia distância. “Jogador lameiro”, nos dias de chuva infernizava a vida dos laterais e a galera explodia em gostosas gargalhadas.

Ah, que bom seria.

Lançar mão de métodos motivacionais antes de partidas importantes sempre foi uma marca pela qual o técnico Sérgio Ramírez ficou conhecido. Mas poucas histórias atizam tanto as lembranças afetivas do uruguaio do que a da conquista do turno do Campeonato Catarinense de 2010.

De um lado estava o Avaí, time que na época disputaria a Série A do Brasileirão. Do outro, o Joinville – “recém-promovido” à Série D. A favor do JEC, apenas o fato de jogar em casa, podendo até mesmo empatar para ser campeão.

Antes de descrever como foi o duelo, é preciso falar sobre a noite anterior. Para motivar os seus atletas para um jogo tão importante, Ramírez teve a ideia de exibir um filme na concentração. O título escolhido foi *Invictus*, lançado em 2009.

Neste filme é contada a história do time da África do Sul na Copa do Mundo de Rúgbi de 1995. Longe de ser a favorita ao título, a equipe africana supera as expectativas e se classifica para enfrentar a temida seleção da Nova Zelândia na decisão. Apesar do favoritismo dos All

Blacks, os donos da casa conquistam o título no último minuto da partida.

A história parece ter inspirado o grupo tricolor naquela tarde de domingo na Arena. O JEC viu o Leão abrir o placar no início do segundo tempo, depois de uma jogada individual de Patric.

Mas o JEC estava inspirado após a lição de que não se pode desistir até que o jogo termine. O Joinville manteve os nervos no lugar, acreditou e foi recompensado quando poucos torcedores ainda acreditavam. Aos 48, após bate-rebate na área, a bola sobrou para Ricardinho chutar de longe, empatar o jogo e confirmar a conquista.

– O que aconteceu com a gente foi coisa de cinema mesmo. O que assistimos no sábado de noite aconteceu no domingo. Foi por isso que a emoção daquele gol foi ainda maior. Foi muito significativo – recorda Sérgio Ramírez.

O Joinville já venceu muitas partidas na Arena. Mas aquele empate por 1 a 1 é, até hoje, lembrado com muito mais alegria do que várias vitórias do Tricolor em sua casa.

# O FUTEBOL imita a arte

**INVICTUS**

**Joinville 1 x 1 Avaí**

*estrelando Sérgio Ramírez*



---

# CULPA DE UM pentacampeão

Poucos sabem, mas a construção do CT do Morro do Meio (ou CT Vilson Florêncio, nome oficial do espaço registrado em cartório) está intimamente ligada a um lateral-esquerdo de grande destaque no futebol mundial. Na verdade, foi graças ao sonho de ter o pentacampeão Roberto Carlos que o Joinville decidiu investir num espaço adequado para os treinos do grupo de jogadores.

Desde a fundação do JEC, em 1976, os técnicos se habituaram a treinar no Ernestão ou em campos de recreativas, cedidas pelas empresas de Joinville. No entanto, com a terceirização destas recreativas, muitas delas se negavam a ceder seus espaços de forma gratuita para o Tricolor em razão do desgaste no gramado provocado pelos treinos em dias de chuva.

Neste período, quem presidia o JEC era Vilson Florêncio. Cansado

das queixas dos treinadores – que justificavam o baixo desempenho do time por causa da falta de condições para treinos –, Florêncio passou a avaliar a construção de um novo espaço, um centro de treinamentos, exatamente como tinha o São Paulo, clube que o inspirava.

No entanto, a decisão de começar a obra surgiu do desejo de contratar o lateral-esquerdo Roberto Carlos. Florêncio conhecia Oliveira Júnior, empresário e amigo do jogador. E desde a passagem do lateral pelo Ernestão – quando ainda defendia o União São João de Araras (SP), o dirigente tentou se aproximar dele para buscar sua contratação.

Mas Roberto Carlos colocava como empecilho a falta de estrutura. E, à época, estava próximo de fechar contrato com o Palmeiras, clube que o projetou para o cenário mundial.

---



– Tentei a contratação dele, mas o Roberto não queria. Perguntou se o estádio era aquele mesmo, de madeira. Dizia que era preciso ter estrutura para ele jogar em Joinville. Disse a ele que eu construiria um CT para contratá-lo. E ele prometeu que jogaria no JEC se eu concluísse a obra – recorda o ex-presidente.

Vinte anos depois da inauguração do espaço, Florêncio reconhece que não tem certeza se Roberto Carlos irá lembrar da história. Mas garante que, de forma indireta, ele foi fundamental para a construção do primeiro patrimônio do JEC.

### **A obra**

O primeiro passo para a construção do CT veio por meio de uma doação. Vilson Florêncio e Irineu Machado (diretor financeiro do JEC na década de 1990) doaram um terreno no bairro Morro do Meio. Lá, começaram as obras até a conclusão, em 1995.

– Quando inauguramos o CT, em 1995, nenhum clube do Sul do País contava com este tipo de estrutura. Meus planos eram ainda maiores, gostaria de fazer um clube social lá, terminar de fato a obra. Mas fui impedido de fazer isso – se queixa.

Vilson Florêncio renunciou ao cargo de presidente em 1998. Segundo

ele, em razão da pressão da torcida, parte da imprensa, alguns conselheiros e autoridades de Joinville.

À época, carregava a fama de ditador, segundo o próprio recorda. Florêncio valorizava que o Joinville precisava se estruturar e, neste período, dividiu os investimentos do futebol com a infraestrutura.

– Fizemos tudo no peito. Compramos o ônibus, construímos o CT e fazíamos equipes competitivas que, infelizmente, não foram campeãs. Mas só vislumbrava um futuro para o Joinville com investimento em patrimônio.

### **O busto**

Um dos fatos que marcaram a inauguração do CT foi a entrega de um busto com a imagem de Vilson Florêncio. Na época, surgiram críticas na imprensa pelo forte ego do dirigente e ameaças de torcedores, contrários a sua gestão. Alguns deles pretendiam derrubar ou depredar o monumento.

– Aquilo ali não teve nada a ver comigo. Foi uma homenagem dos diretores, especialmente do Silas Silva. Eles acreditavam que eu havia ajudado muito o JEC e merecia muito a homenagem. Só que algumas pessoas distorceram e reforçaram a tese de que eu era um ditador com ego forte.

# NÃO SE CUTUCO COM VARA CURTA



# CA O COELHO

A sabedoria popular ensina que não se deve cutucar onça com uma vara curta. Considerando que o Joinville chegou ao Estadual de 1985 com o pedigree de ter sido campeão nas últimas sete edições do campeonato, seria prudente que ninguém provocasse o brio dos jogadores do Tricolor. Mas o técnico Lauro Búrigo, à época no Avaí, deu de ombros para o bom senso. Antes do decisivo duelo que definiria o campeão, protagonizou uma cena que iria incendiar o JEC.

Após um treino do Leão, o técnico viu uma patrula próximo ao Estádio da Ressacada e entrou no veículo, diante da imprensa, para mandar o seu recado antes da final. Em sua cabeça, ele tinha certeza de que o Avaí iria “patrolar” o time tricolor.

– O Avaí tem que ser igual a esta patrula: azeitada e forte para passar por cima do Joinville. Pode sair da frente porque vai dar Avaí.

O otimismo do folclórico treinador era comprovado por números. As duas equipes já haviam se enfrentado cinco vezes no Catarinense. Foram três vitórias para o Leão e dois empates. Com o deci-

sivo jogo tendo que ser disputado em Itajaí, já que o Joinville havia perdido um mando de campo, a lógica dizia que a equipe de Florianópolis iria colocar um ponto final na hegemonia do JEC.

Mas o futebol não é uma ciência exata.

E a provocação de Lauro Búrigo inflamou o vestiário do Tricolor. Vencer aquele Estadual – possivelmente o mais difícil na série do octacampeonato consecutivo – virou questão de honra para os atletas do Joinville.

– Foi o maior doping que poderíamos receber antes de uma partida – recorda Nardela, o maior craque da história do Tricolor.

Com a bola nos pés, o JEC deu a sua resposta. Com um estádio cheio de torcedores para lhe apoiar em Itajaí, o Joinville venceu por 2 a 0, com gols de João Carlos Maringá e Paulo Egídio.

Depois daquele jogo, duas coisas aconteceram: o Joinville encerrou ali a sua hegemonia dentro de Santa Catarina após oito conquistas, e o técnico Lauro Búrigo nunca mais foi visto em cima de outra patrula para desafiar algum adversário.

---

# COELHO

## travesso

Um dos grandes motivos para a derrota do grupo apoiado pelo então presidente Adelir Alves nas eleições do JEC em 2008 foi a inusitada parceria com o Juventus, de Jaraguá do Sul. Durante três meses, o Tricolor vestiu a camisa do clube vizinho. Parece bizarro, mas o fato aconteceu. Sem calendário em razão da não classificação para a Série C e com a queda para a recém-criada Série D, o Joinville ficou praticamente seis meses inativo no futebol profissional. E aí surgiu a ideia da união com o Juventus.

O plano era montar uma equipe e prepará-la para a disputa da Copa Santa Catarina, marcada para novembro, jogando a Segunda Divisão do Campeonato Catarinense. Adelir Alves propôs a Ildo Vargas, presidente do Juventus, ceder toda a estrutura de futebol do JEC ao Moleque Travesso – jogadores, comissão técnica,

investimentos em geral.

Com dificuldades financeiras, o Juventus aceitou prontamente. Na teoria, a parceria seria boa para os dois clubes. O Joinville chegaria à Copa Santa Catarina “voando” depois da pré-temporada na Segunda Divisão catarinense e o Juventus poderia ter um caminho mais fácil no retorno à elite do futebol do Estado.

Na época, a parceria até chegou a ser costurada com o Hercílio Luz, de Tubarão. O acordo só surgiu com o Juventus porque os dirigentes do Joinville julgaram que a proximidade entre as cidades ajudaria na manutenção e observação da equipe.

– Começamos, dessa forma, a montar o time para a Copa Santa Catarina que vai nos levar para a Série D do Brasileiro em 2009 – justificava na época o presidente Adelir Alves, reforçando a importância da parceria entre os clubes.

Na teoria, tudo era bonito. Na prática, o “Coelho Travesso” não caiu no gosto dos torcedores do Joinville e teve resultados bem abaixo do esperado. A Segunda Divisão era dividida em dois grupos. O Juventus (JEC) estava na chave B, ao lado de Imbituba, Próspera, Hercílio Luz e Camboriuense. O time venceu Hercílio Luz (4 a 1) e Próspera (2 a 0) fora de casa. No Estádio João Marcatto, dois empates – 0 a 0 com o Imbituba e 1 a 1 com o Camboriuense.

Classificado como segundo colocado da chave, o Juventus (JEC) jogou a semifinal do turno contra o Brusque. Em Jaraguá do Sul, derrota por 1 a 0. No jogo da volta, em Brusque, vitória por 1 a 0 e nova derrota por 1 a 0 na prorrogação. Ou seja, a equipe estava eliminada.

Começava a cair no descrédito a parceria. Restava a chance de reação no segundo turno. Mas o Juventus (JEC) repetiu a campanha do turno na fase de grupos – duas vitórias (2 a 1 sobre o Hercílio Luz e 4 a 1 contra o Próspera) e dois empates (0 a 0 com o Imbituba e 2 a 2 com o Camboriuense). A classificação às semifinais veio com a liderança da chave, e o time até parecia ter embalado ao passar com tranquilidade diante do Concórdia – vitórias por 3 a 1 e 2 a 0.

Na final, novamente o Brusque cruzou o caminho do Juventus (JEC). E o pior aconteceu: com duas vitórias (4 a 3 e 4 a 2), o Brusque venceu também o retorno e conquistou o título da Segundona de forma antecipada.

Ou seja, o time formado pela diretoria do Joinville para jogar a competição pelo Juventus sequer conseguiu ganhar o campeonato.

A essa altura já estava no comando do JEC a nova diretoria, formada por Márcio Vogelsanger, Nereu Martinelli e Osni Fontan. A ordem era formar uma equipe diferente para a disputa da Copa Santa Catarina e aproveitar quem se destacasse nos jogos do Juventus. Conclusão: neste período, o Tricolor teve dois times e dois técnicos.

Poucos do time do Juventus foram aproveitados na equipe de Vogelsanger e Martinelli. O destino, no entanto, foi cruel.

O Brusque, campeão da Segundona, ganhou um lugar na Copa Santa Catarina. E foi exatamente o Brusque o adversário do JEC na final da Copa Santa Catarina, que valia um lugar na Série D. No primeiro jogo, derrota do Tricolor por 2 a 0 no Augusto Bauer. Na segunda partida, vitória por 2 a 0 do Coelho. A decisão acabou nos pênaltis e o Brusque levantou o título em plena Arena.

No término de 2008, o saldo era extremamente negativo. Duas equipes foram formadas e nenhuma delas conseguiu vencer o Brusque. A nova diretoria justificou o fracasso pela falta de tempo – de fato, ela foi eleita no começo de outubro e a equipe estreou 30 dias depois. Deu tudo errado do início ao fim. Sinal de que vestir o Coelho com outra camisa jamais será uma boa ideia.

# AURUCA

do sal grosso



Há quem diga que superstição não ganha jogo, mas também há aqueles que adotam dezenas de ritos para que a sorte ande ao seu lado em uma partida de futebol. Pelo sim ou pelo não, o técnico Agenor Piccinin fez o que pôde para que o Joinville vencesse. Só o que o treinador não esperava era que o seu método pouco ortodoxo acabasse virando um caso contado como piada até os dias de hoje.

Em 2008, o JEC atravessava um dos piores anos de sua história. Não bastasse o fato de não ter calendário durante o segundo semestre daquela temporada, a equipe, para se manter em atividade, disputava a Segunda Divisão do Catarinense com a camisa do Juventus de Jaraguá do Sul – prática conhecida como barriga de aluguel no meio do futebol. Mas os jogadores do Tricolor parecem não ter se acostumado a jogar com o manto de outro clube.

Os resultados ruins dentro de campo fizeram Piccinin adotar uma medida extrema: reunir dois homens de confiança para jogar sal grosso no gramado do Estádio João Marcatto, em Jaraguá do Sul, afastando os maus agouros do seu time.

Paulinho Hoffmann, funcionário do departamento de registro do JEC, e Perninha, supervisor da equipe de Jaraguá, foram escalados para comprar quilos de sal grosso e espalhar em forma de cruz em todos os pontos do campo que tivessem a intersecção de duas linhas de

demarcação do gramado.

Na calada da noite, os dois executaram o plano do treinador – que havia desenhado em um papel os pontos exatos onde o sal deveria ser despejado. O sal que restou foi espalhado no vestiário da equipe.

Com tanto sal para afastar a má sorte, a vitória já estava praticamente garantida. Hoffmann e Perninha foram dormir satisfeitos com o trabalho bem-feito.

No outro dia, quando a dupla se acomodou em um ponto superior da arquibancada para assistir ao jogo contra o Hercílio Luz, o estrago ficou evidente. O forte sol que fez em Jaraguá do Sul queimou os pontos da grama onde havia sal e as várias cruzes ficaram visíveis para todo mundo que foi ao estádio.

Para piorar, o feitiço virou contra o feiticeiro, e os símbolos, que deveriam trazer sorte à equipe da casa, ajudaram o time de Tubarão a sair com a vitória.

Ao fim do jogo, Hoffmann e Perninha fizeram de tudo para se esquivar da bronca do treinador. Em vão. Quando Piccinin viu a dupla, logo a culpou por mais uma derrota:

– Perdemos porque vocês colocaram o sal sem fé. Se fosse com fé, a gente teria vencido.

A verdade é que com a má fase que o Joinville atravessava naquela época, não haveria sal grosso no mundo que faria os resultados aparecerem como em um passe de mágica.

# O AMULETO de 2014



Você já vestiu uma peça íntima amarela na virada do ano? Diz a superstição que, no ano seguinte, ela o ajudará a ter mais dinheiro. Será? E no futebol? Acredita em alguma camisa, calção ou até mesmo numa cueca da sorte? Parece bobagem, muita gente prefere esconder ou negar as superstições, mas elas estão muito ligadas ao futebol. A frase “em time que está ganhando não se mexe” é um bom exemplo.

Em 2014, durante a Série B, o Joinville criou outra teoria: “Em camisa que está ganhando não se mexe”. Tudo começou na 15ª rodada. Naquele dia, o Joinville recebia o Sampaio Corrêa, na Arena, e, àquela altura, o Tricolor passava por um momento difícil, pois vinha de uma sequência de três derrotas após liderar o campeonato.

A mudança no uniforme, inicialmente, surgiu de uma proposta do gerente de marketing, Fernando Kleimann. O plano era utilizar a camisa branca para estampar um botão em alusão à promoção do



Dia dos Pais, realizada com os sócios mais antigos do clube durante a passagem da data. Segundo o gerente de marketing, a logomarca ficaria mais visível na camisa branca.

No entanto, para conseguir a aprovação, Kleimann precisava do “ok” do presidente do JEC, Nereu Martinelli. E aí veio a pergunta surpreendente. Martinelli não questionou a visibilidade da logo, mas o desempenho do uniforme branco.

– Quantas vezes ganhamos de branco? – perguntou.

– Duas vezes, presidente, temos um aproveitamento de 100% – rebateu Fernando Kleimann.

– Então está autorizado. Pode jogar de branco – determinou Martinelli.

Pronto, nascia ali o amuleto do JEC na conquista do acesso e do título da Série B. O presidente só não sabia que Kleimann havia lhe pregado uma peça. O aproveitamento de 100% contabilizava apenas o desempenho com as peças fabricadas pela Umbro. No começo da Série B, o JEC chegou a jogar de branco, mas os uniformes, à época, eram fabricados pela Spieler. A linha do Umbro (tricolor e branca) só passou a ser utilizada a partir da sétima rodada, contra o Vasco.

Antes, o JEC jogou três vezes de branco com a camisa da Spieler: venceu o Paraná, em Curitiba, por 3 a 2; empatou com o Atlético-GO por 0 a 0, em Goiânia; e perdeu por 3 a 1 para o América-MG, em Belo Horizonte. Além disso, era com a camisa branca da Spieler que o

Joinville foi derrotado pelo Figueirense na final do Campeonato Catarinense do mesmo ano.

O desempenho de branco com a camisa da Umbro considerava apenas o amistoso contra o América de Joinville, vencido pelo JEC por 3 a 1, e a vitória na 11ª rodada, também por 3 a 1, diante do Ceará, em Fortaleza.

No dia 5 de agosto, o JEC usou branco como mandante e venceu o Sampaio Corrêa por 3 a 1, quebrando a série de três derrotas. Se deu certo, valia a pena repetir. Na rodada seguinte, no entanto, o amuleto não funcionou: derrota por 2 a 0 para a Ponte Preta.

Mas o Tricolor não desistiu da peça da sorte, especialmente porque havia outra superstição incomodando o clube. Com a camisa tricolor da Umbro, desde a estreia contra o Vasco, o JEC jogou seis vezes e só conseguiu uma vitória. Mais uma justificativa para a camisa branca voltar a ser utilizada na Arena. E o JEC venceu novamente, desta vez frente ao Boa Esporte, por 2 a 1.

A partir deste resultado, o Joinville estabeleceu uma série de seis partidas sem derrota. Na verdade, o JEC ganhou quatro dos seis jogos e neste período retomou a liderança da Série B. Sempre de branco.

A segunda derrota da camisa branca só aconteceu na 27ª rodada, contra o América-RN, em Natal. Ali, o Joinville viveu o maior intervalo de tempo sem vitórias na Série B.

Na rodada seguinte, novamente de branco, o JEC só empatou com o Santa Cruz e acumulou a quarta partida sem nenhum triunfo. Teria a chave do sucesso perdido a força?

Nada disso. A série de quatro jogos sem vitória foi interrompida diante do Vila Nova-GO, em Goiânia, na 29ª rodada. De branco. E a partir deste triunfo veio a espetacular série de sete vitórias, que culminou no acesso à Série A. O jogo do acesso teve o Joinville em campo, de branco, justamente diante do Sampaio Corrêa, adversário que deu início à jornada supersticiosa tricolor.

Por “coincidência”, foi de branco também que o JEC conquistou o título da Série B, mesmo derrotado diante do Oeste-SP, em Itápolis. Ao todo, foram 18 partidas com o uni-

forme reserva, quase um turno inteiro, contabilizando nove vitórias, quatro empates e cinco derrotas. Estes números consideram também a camisa branca da Spieler.

O branco da Umbro teve melhor desempenho. Em 15 partidas, foram oito vitórias, três empates e quatro derrotas (duas delas depois de o time já ter conquistado o acesso e uma em que foi campeão, mesmo perdendo).

Como diz o começo do texto, poucas pessoas gostam de admitir que são supersticiosas. O próprio Nereu Martinelli prefere não confirmar a história. Mas todos no clube sabem que, na busca do tão sonhado acesso e do inédito título, valeu até recorrer às superstições, afinal, em camisa que está ganhando não se mexe.

# NO SINGULAR OU NO PLURAL?

Era o ano de 1976. Com as fusões dos departamentos de futebol de Caxias e de América para formar o Joinville, os jogadores ainda buscavam aquele entrosamento fora das quatro linhas para transformar as duas equipes em um único time.

Um dos momentos de mais descontração que havia para aproximar os jogadores eram as rodas de bobinho que aconteciam antes da atividade – ritual que é repetido até os dias de hoje. E um dos grandes personagens deste momento era o atacante Linha, figura marcada por sempre ser o primeiro a chegar na atividade recreativa para não correr o risco de ser o “bobo” a ficar no centro da roda.

Eis que um dia, para espanto de americanos e caxienses, Linha não estava no gramado. Todos ficaram se perguntando onde estava o jogador, que chegou correndo, esbafofado, quando não restava mais ninguém no vestiário.

Capitão do time, Fontan já indicou para Linha que ele teria que ser o bobo. Eis que os dois travaram o memorável diálogo:

– Por que o atraso hoje, Linha? – perguntou Fontan.

– Desculpe a demora. Eu atrasei porque fui comprar um aparelho de som na loja da “Prodócimo” – respondeu Linha.

Percebendo o erro do jogador oriundo do América, todo mundo se entreolhou em silêncio, até que Fontan interrompeu:

– É Prosdócimo, Linha, Prosdócimo.

– Você está tirando onda comigo. É Prodócimo – retrucou Linha.

– Não, é Prosdócimo mesmo – garantiu Fontan.

Foi aí que linha, num misto de ingenuidade com malandragem, emendou:

– Mas eu estou falando no singular, não no plural.

Caxienses e americanos se atiraram ao chão aos risos.

# O DESAPARECIMENTO da taça



Vinte de dezembro de 1983. Naquele dia, o mundo recebeu com assombro a notícia de que a Taça Jules Rimet, conquistada de forma definitiva pela Seleção Brasileira após as vitórias nos mundiais de 1958, 1962 e 1970, havia sido furtada da sede da CBF. O troféu tinha aproximadamente dez centímetros de altura e quatro quilos – entre os quais, 1,8 quilo de ouro puro.

A sede teria sido invadida durante a noite, e a taça, levada inexplicavelmente de dentro do cofre da entidade. O roubo foi planejado por Sérgio Pereira Ayres e executado por Francisco José Rocha Rivera, o Barbudo, e José Luiz Vieira da Silva, o Bigode. Diz-se que a taça foi derretida pelo comerciante Juan Carlos Hernandez.

Trinta e dois anos depois, algo semelhante aconteceu em Santa Catarina, provocando alvoroço nos noticiários locais. Tudo porque o Campeonato Catarinense de 2015 não terminou no dia 3 de maio, como estava previsto no regulamento. Esqueça a festa da torcida do Joinville na Arena, a entrega das medalhas e da taça. Nada disso valeu em razão de um problema no jogo do JEC com o Metropolitano na última rodada do hexagonal semifinal da competição. Começava ali a grande confusão.

André Diego Krobel, lateral-direito do Joinville, foi relacionado para a partida diante do Metropolitano sem ter um contrato profissional, obrigatório para jogadores que completaram 20 anos em 2015.

Krobel fez aniversário no dia 28 de março, 21 dias antes da partida com o Metrô. Ele não chegou a entrar em campo, mas estava no banco de reservas. Ao tomar conhecimento do fato, antes após o primeiro jogo da final com o JEC – empate por 0 a 0 no Estádio Orlando Scarpelli – o Figueirense acionou a Justiça.

A escalação do JEC infringiria o artigo 27 do regulamento do Campeonato Catarinense, que se reporta ao artigo 43 da Lei Pelé, que diz: “É vedada a participação em competições desportivas profissionais de atletas não profissionais com idade superior a vinte anos.”

Como desrespeitava o regulamento, JEC – finalista com a vantagem de jogar por dois resultados iguais para ganhar o título – poderia perder até quatro pontos, o que levaria a uma inversão da vantagem na final do Campeonato Catarinense. Neste caso, o segundo jogo seria no Orlando Scarpelli, e o Figueirense teria a vantagem de dois empates.

Como já havia sido disputado o primeiro jogo, a Federação Catarinense de Futebol (FCF) decidiu manter a realização da segunda partida, no dia 3 de maio, na Arena. A decisão da entidade era entregar o troféu em campo, independentemente do que acontecesse nos tribunais. A ideia era que houvesse um vencedor do jogo. Neste caso, seria mais difícil mudar o resultado do campo porque, mesmo com a vantagem alterada, permaneceriam os placares da decisão.

---

No entanto, nada disso aconteceu. O jogo da Arena terminou com outro empate, novamente por 0 a 0, o que provocou a não homologação do Joinville como campeão estadual, embora o Tricolor tenha recebido todas as premiações.

Logo após a disputa dentro de campo, começou a batalha nos tribunais entre advogados de Joinville e Figueirense. Nas duas disputas – no Tribunal de Justiça Desportiva de Santa Catarina (TJD-SC) e no pleno do Superior Tribunal de Justiça Desportiva (STJD) – houve o entendimento de que o Joinville deveria ser punido com a perda de quatro pontos. Mas havia a expectativa de que esta decisão voltaria para a FCF, que teria a missão de dar um rumo ao campeonato com a perda dos quatro pontos do JEC.

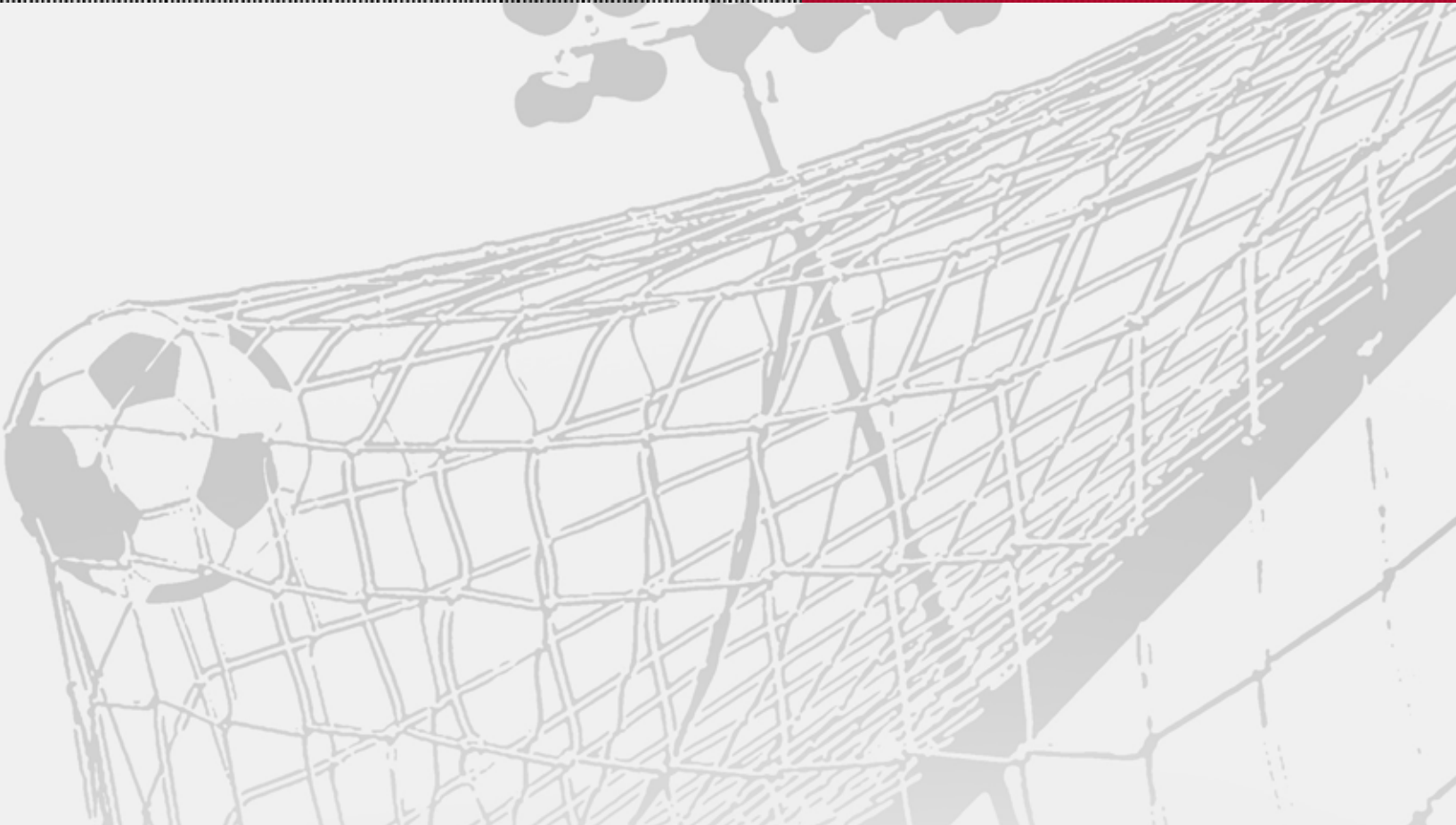
Para a surpresa da grande maioria, os auditores do STJD não só decidi-

ram punir o Joinville, mas também reconhecer o Figueirense como campeão do Estado.

– Ao meu ver, consequência lógica da perda de pontos e, portanto, da reclassificação do hexagonal é que a vantagem, que até então era do Joinville, passou a ser do Figueirense e, tendo em vista que ambas as partidas da final do Campeonato Catarinense de 2015 terminaram empatadas, deve ser o Figueirense declarado o campeão – escreveu o auditor Flavio Zveiter em seu relatório

– Não há sentido realizar mais duas partidas ou determinar que a discussão volte para a federação. Era mais prudente resolver agora e colocar o resultado de campo para dar ao Figueirense o título pelo empate por 0 a 0 – emendou o presidente do STJD, Caio César Vieira Rocha, após o julgamento.

Com esta decisão em mãos, res-

A grayscale illustration of a soccer ball hitting a goal net. The ball is in the foreground, slightly to the left, and is in motion, having just struck the net. The net is a large, rectangular structure made of a grid of lines, extending from the foreground into the background. The background is a light, hazy landscape with some trees and a building in the distance.

tava à FCF entregar a taça e homologar o Figueirense como campeão. No entanto, no dia 16 de julho – manhã seguinte ao julgamento do STJD em Minas Gerais –, a taça do Campeonato Catarinense havia sido furtada da loja do Joinville, a Toca do Coelho da Arena.

O Joinville pouco se pronunciou sobre o caso. Deixou toda a investigação nas mãos da Polícia Militar. A loja foi invadida na madrugada do dia 16. Nenhuma câmera conseguiu flagrar a ação. Uma das janelas da loja foi depredada. Nada além da taça do Catarinense foi levado pelos autores do furto.

O curioso é que, temendo esta ação, o Joinville havia mudado o lugar da taça dentro da loja e escondido numa sala alternativa, debaixo de alguns panos. A investigação da polícia não chegou a nenhuma conclusão. O destino da taça permanece como um mistério. E, para resolver o problema, a FCF teve de produzir outro troféu para entregar ao Figueirense.

O caso virou motivo de piada e provocação entre os torcedores. Nos dias seguintes, circularam nas redes sociais gravações de torcedores do JEC que ligavam à loja do Figueirense afirmando que eles “jamais teriam a taça original nas mãos”. A própria torcida do Joinville exibiu taças de pano no clássico estadual com o Figueirense, em duelo válido pelo retorno. Neste jogo, o Joinville terminou como vencedor e a torcida, se sentindo injustiçada pela decisão dos tribunais, gritou “é campeão”.

A diferença deste furto para o de 1983 é o objetivo do ato. No Rio de Janeiro, o troféu, símbolo de orgulho para os brasileiros, se tornou peça para enriquecimento por meio do ouro derretido. Em Santa Catarina, a taça não tinha valor algum. Na verdade, foi o sentimento do torcedor que acabou derretido após ver o time ser campeão em campo e perder o troféu fora das quatro linhas.

# A PERUCA





# foi a salvação

Perder um jogo dentro de casa é algo que irrita qualquer torcedor. Perder um clássico dentro de casa já faz os mais fanáticos se exaltarem ainda mais. Mas ser goleado, dentro de casa, em um clássico, é imperdoável. E que o diga o técnico Paulinho de Almeida, comandante do Joinville em 1995, que precisou achar uma solução inusitada após uma das piores derrotas do JEC no Ernestão.

O episódio aconteceu na semifinal do primeiro turno do Catarinense daquele ano: Joinville contra Chapecoense. No jogo de ida, no Oeste do Estado, tudo começou a ir por água abaixo quando uma jogada atrapalhada de Benson resultou em um gol do time local. O volante disse para o goleiro Silvio deixar a bola passar, pois a situação estava sob controle. Benson fez golpe de vista, mas a bola, em vez de ir para fora, bateu na trave e entrou, causando o destempero do treinador gaúcho na derrota por 3 a 1.

No jogo da volta, o Tricolor precisava reverter o placar. Mais de 17 mil pessoas nas arquibancadas. Clima de “vamos lá”. O JEC pronto para se classificar e... mais uma surra. Goleada por 5 a 1 da Chapecoense comandada por Paulo Rink – que iria terminar o campeonato como o artilheiro com 23 gols – em pleno Ernestão.

Sobrou para Paulinho de Almeida. Os xingamentos foram tantos que o treinador passou a temer pela vida já dentro do vestiário. Com o passar do tempo e parte da torcida se recusando a deixar o estádio enquanto não cobrasse satisfação do dono da prancheta, o treinador pôs os neurônios para trabalhar.

A fim de evitar levar alguns sopapos, ele colocou uma peruca e saiu andando discretamente pelos fundos. Não foi reconhecido e voltou ileso para casa.

O que não se sabe até hoje é onde eles foram encontrar uma peruca em um vestiário de futebol.

# A DESCOBERTA

Pense num estádio cheio, mas em silêncio. São mais de 15 mil pessoas incrédulas com o que acontecia. Imagine agora o apito final de uma partida de futebol. Tente ouvir, após o sopro derradeiro no apito, o coro com as seguintes palavras: “Vergonha, vergonha, vergonha”. Pronto, você voltou no tempo. Bem-vindo à tarde de 17 de outubro de 2010.

Neste dia, o Joinville viu ruir o sonho de ascender à Série C diante do quase inexpressivo América-AM. A Arena Joinville se firmava como palco das tristezas tricolores. Desde 2008, o JEC tentava voltar ao cenário nacional. Quando finalmente conseguiu e parecia estar pronto para galgar um lugar mais digno, caiu. E a queda era pesada, pois seria preciso recomeçar todo o trabalho de resgate de um gigante adormecido.

O coro de “Vergonha, vergonha, vergonha” não representava apenas o sentido literal da palavra. Ele carregava um misto de humilhação, impotência, revolta, tristeza e dúvida: qual seria o futuro do clube depois de mais um fracasso?

No dia seguinte, a Arena Joinville lembrava uma capela mortuária diante do clima de velório no clube. O empate por 1 a 1 com os manauaras não saía da cabeça dos funcionários do Joinville. O

adversário não tinha nem bolas suficientes para treinar dias antes do jogo decisivo. Será que eles não tinham nada de errado com uma estrutura tão modesta?

A reflexão de dois funcionários tricolores despertou o interesse. A partir daí, começou a busca por algo improvável. A esperança era encontrar alguma irregularidade no América-AM ou em qualquer um dos times que ascenderam à Série C. Num campeonato em que são raros os clubes organizados, o improvável tornou-se rapidamente crível numa simples pesquisa.

O departamento de registros do JEC encontrou no dia 18 de outubro de 2010 três irregularidades: uma no Madureira; outra no Sampaio Corrêa; e a terceira no América-AM. Depois de mais alguns estudos, um consenso: o caso do América-AM era o pior, com chances significativas de êxito para o Joinville.

O erro do América-AM, neste caso, foi a negligência. O volante Amaral rescindiu contrato com o clube depois de uma lesão. No entanto, tratou a contusão, se recuperou e a comissão técnica decidiu utilizá-lo na Série D. Para a sorte do JEC, ninguém se deu conta de que era preciso formalizar um novo contrato e registrá-lo na CBF. De

quebra, ele esteve em campo contra o Tricolor no dia 17 de outubro.

Nos dias seguintes, o JEC agiu rápido: reuniu diretores, consultou o departamento jurídico e decidiu ir a fundo no caso Amaral. Na mesma semana, Paulinho Hoffmann, um dos funcionários do departamento de registros do JEC, foi ao Rio de Janeiro para conseguir na CBF a negativa que comprovava a irregularidade de jogador.

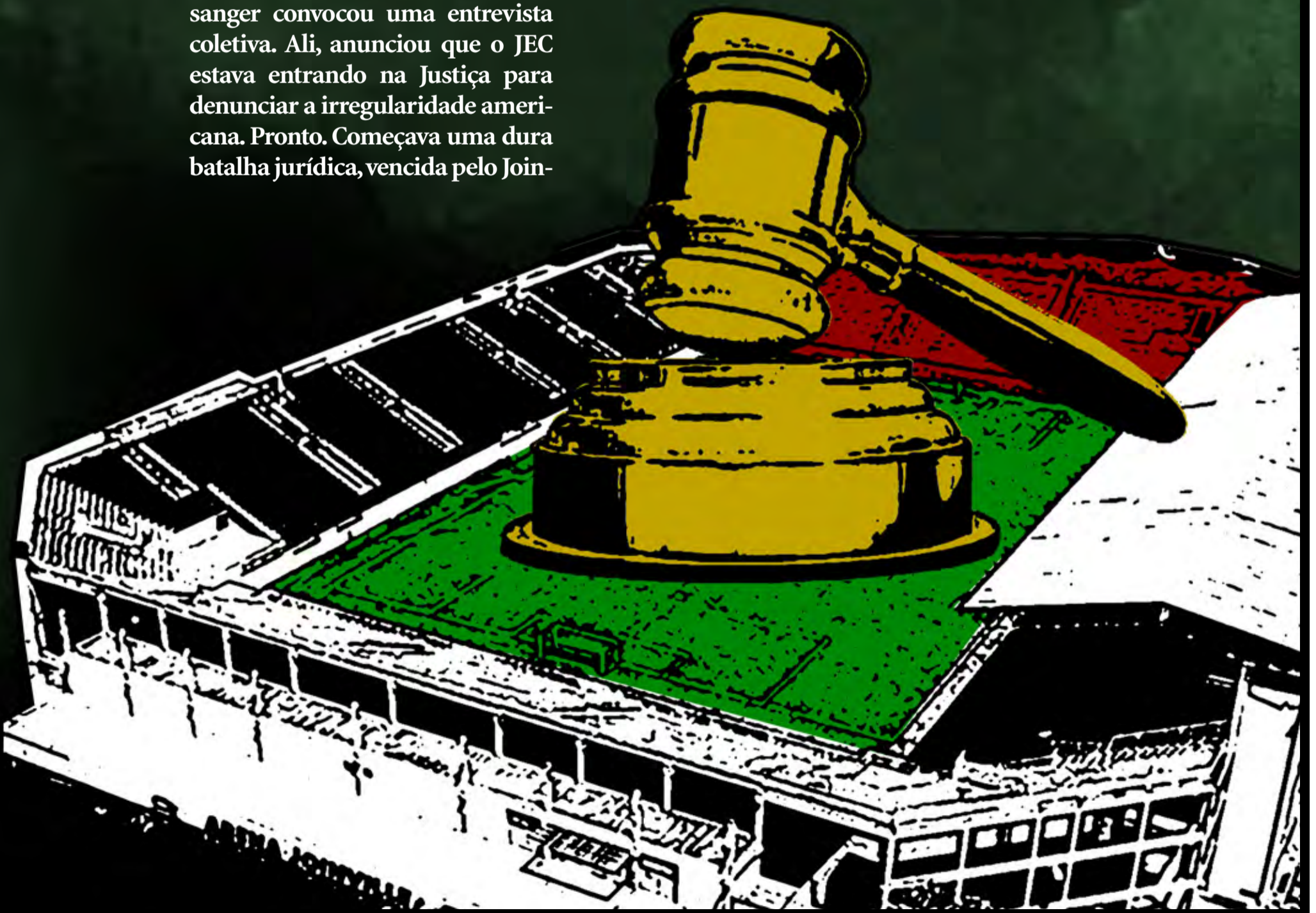
Mais tarde, ele telefonou para o presidente Márcio Vogelsanger:

– Presidente, consegui a negativa. É isso mesmo que conversamos. Ele está irregular.

No sábado, 23 de outubro, Vogelsanger convocou uma entrevista coletiva. Ali, anunciou que o JEC estava entrando na Justiça para denunciar a irregularidade americana. Pronto. Começava uma dura batalha jurídica, vencida pelo Join-

ville apenas em 9 de dezembro do mesmo ano. Naquele dia, o clube comemorou o acesso à Série C, que não veio no campo.

A vaga não chegou a ser celebrada com ares de festa pela maioria dos torcedores em razão das circunstâncias. Mas ela representou alívio. Muito alívio. Quem realmente festejou foram os dois funcionários responsáveis pela descoberta: Gilson Sagaz e Paulo Hoffmann. Naquele dia, a perseverança deles premiou o JEC e os transformou em importantes personagens da história do clube.



---

# GRITO POR justiça

Invadir o campo era algo comum nos estádios catarinenses até o fim da década de 1990. O hábito do torcedor acontecia com frequência nas decisões de campeonato. Foi assim com Avaí, Brusque, Criciúma, Figueirense e Chapecoense nas disputas de título do Campeonato Catarinense. No entanto, o ano de 1999, que já teve a polêmica decisão de turno do Estadual, reservava ainda outra boa história envolvendo o Joinville.

Tudo começou em razão da decisão do turno, na qual o JEC acabou derrotado pelo Figueirense. No reencontro das equipes, em partida válida pelo retorno, no Ernestão, os torcedores tricolores levaram faixas provocativas. Numa delas, estava escrito: “Sr. árbitro, seu valor vem de

sua honestidade.

A outra faixa era mais agressiva. Os jequeanos protestaram com os dizeres: “Delfim + Figueira + Gilson Pauletti + \$\$\$ 2 x 2 JEC”. A frase insinuava que o título do turno conquistado pelo Figueirense, no empate por 2 a 2 com o Joinville, só foi conquistado graças a uma combinação entre o presidente da Federação Catarinense, Delfim Pádua Peixoto Filho, o Figueirense e o árbitro do confronto na ocasião, Gilson Pauletti.

As manifestações provocaram atraso no apito inicial. Luiz Orlando de Souza, árbitro no Ernestão, recusou começar o jogo com as faixas. Só depois de serem retiradas pela Polícia Militar, o jogo pôde finalmente acontecer. O ato deixou o clima mais tenso.

---

Aos 35 minutos, o lateral-esquerdo Clóvis, do JEC, foi expulso ao receber o segundo cartão amarelo. O ambiente ficou ainda pior aos 40 minutos do primeiro tempo. Após confusão causada por uma falta de Marquinhos Rosa sobre Perivaldo, Luiz Orlando de Souza expulsou Marquinhos Rosa, do JEC, e Valdeir, do Figueirense. O Tricolor teve ainda outro atleta expulso: João Carlos Cavallo. Pronto. O clima de guerra entre torcida e árbitro estava escancarado a partir daquele momento.

Na volta do intervalo, apesar de ter dois jogadores a menos, o Joinville quase abriu o placar. Logo a um minuto de jogo, Marco Antônio cruzou da direita e Emerson Almeida cabeceou a bola na trave. Mas era difícil jogar nesta condição. E, aos 13 minutos, o Figueirense chegou ao gol com Fabinho.

Daí em diante, não houve mais jogo. Um torcedor invadiu o campo e, de maneira irônica, expulsou Luiz Orlando de Souza. Logo depois, os torcedores do JEC derrubaram o alambrado e invadiram o gramado. No centro do campo, pediam justiça no Campeonato Catarinense.

– Eles foram a nossa voz. O que foi feito com a gente neste campeonato foi uma palhaçada. O manifesto nos

representou porque o Figueirense sempre era beneficiado contra a gente – recorda o ex-volante Daniel Coracini, que esteve em campo naquele jogo.

No outro lado, o temor tomou conta dos vestiários do Figueirense. Encurralados, os alvinegros não conseguiam deixar o Ernestão. Abel Ribeiro, técnico da equipe na época, lembra que pedia aos jogadores que não revidassem aos protestos.

– Se a gente reagisse, seria pior. Ficamos no corredor do Ernestão, fora dos vestiários, para não sermos atingidos por objetos. Tivemos de esperar muito tempo para deixar o estádio.

Na verdade, a saída do Figueirense só aconteceu porque a delegação se dividiu em vários carros e teve de ser deslocada por um acesso alternativo no Ernestão. Até aquele momento, o temor tomava conta do adversário.

– Nos não sabíamos o que poderia acontecer. A maioria tentava ficar tranquila, mas havia muita tensão, era arriscado – completa Abel.

Após a manifestação, o Joinville acabou punido pela Justiça Desportiva catarinense. Teve prejuízos, trocou alambrado, mas o torcedor sente que fez sua parte. Naquele dia, gritou por justiça. E só voltou a invadir o campo na comemoração do título estadual, em 2000.

# A VIAGEM em que o boi QUASE VOOU



– No futebol, eu já vi de tudo. Só não vi boa voar.

Uma das frases mais célebres do presidente Nereu Martinelli serve para ilustrar bem como tudo pode acontecer dentro do futebol. A história a seguir aconteceu em 2010, quando Nereu ainda ocupava o cargo de diretor de futebol e o Joinville disputava a Série D do Brasileirão.

Não são poucos os casos que envolvem o JEC e alguns ônibus quebrados às margens das rodovias. Mas são raras as ocasiões em que tantos presságios de má sorte rondaram o Tricolor.

Em época de vacas magras e da política de austeridade pregada pelo então presidente Márcio Vogelsanger, a delegação do Joinville iria com o Jecão – apelido do ônibus do clube – até Irati, cidade paranaense que fica a 288 km de distância de Joinville para evitar custos desnecessários.

Como diz o ditado, o barato sai caro. No quilômetro 666 da BR-376 – o primeiro sinal de mau agouro para os mais sensíveis –, o “zarco” do JEC quebrou. Foram algumas horas de espera com o time às margens da rodovia até que o supervisor Gilson Sagaz conseguisse um plano B – um ônibus para completar o trajeto até o local do jogo.

O que não se esperava era que o plano B também falhasse. Poucos quilômetros após a delegação ser recolhi-

da, começou a pegar fogo no motor do novo ônibus, que precisou parar em um posto às margens da BR, em Tijucas do Sul-PR.

Como a viagem já estava durando mais que o esperado e o grupo já começava a reclamar de fome, não teve jeito. O preparador físico Reverson Pimentel assumiu o comando da chapa do restaurante do posto e começou a fritar bifes e ovos. O massagista Lincoln se dobrou para fazer suco para o pelotão. Quem esteve lá garante que sobrou tempo até para ele atender aos outros clientes do posto.

Depois de dezenas de ligações, Sagaz finalmente conseguiu um novo ônibus (para isso, contou com o auxílio de Rafael Zucon, supervisor do Paraná Clube). Com mais de seis horas de atraso, o Joinville chegou a Irati. Mas os maus presságios não acabaram. Quando o time chegou ao hotel, soube que havia um casamento no local. O barulho da festa, evidentemente, atrapalhou o sono dos jogadores.

No domingo, durante o almoço, uma toalha pegou fogo no restaurante em que os atletas se alimentavam. Instantes antes do jogo, o véu da santa que o Tricolor leva em suas viagens também pegou fogo depois de ter entrado em contato com uma vela. Com tanto fogo, o Tricolor entrou em campo incendiado. Venceu por 2 a 0, com facilidade, e encaminhou a classificação para a terceira fase.

Por pouco, o boi não voou.

# A SANTA

Os sete terríveis anos que o Joinville viveu de 2004 a 2010 têm uma série de explicações para os mais supersticiosos torcedores. Alguns dizem que a saída do Estádio Ernestão provocou a queda. Outros atribuem os fracassos a um sapo supostamente enterrado na Arena Joinville. Mas há outra teoria, segundo profissionais do clube: a imagem de Nossa Senhora Aparecida, destruída em

2004, justamente o ano em que começou a queda do Tricolor.

O responsável pela destruição da imagem sagrada seria o preparador físico Hamilton Tavares, de acordo com informações de funcionários tricolores. Ele não acreditava que a santa, exposta no vestiário do JEC, ajudaria o time dentro de campo. Por este motivo, teria justificado o ato para que os atletas não se apegassem à fé.





Coincidência ou não, foi em 2004 que o JEC caiu para a Série C. Dali, ainda ficou sem série - em 2008, não se classificou para a Série C e a CBF criou a Série D no mesmo ano. No entanto, sem a qualificação por meio das competições estaduais, o JEC não poderia nem jogar a Série D, fato que voltou a acontecer em 2009.

Nesta época, já se falava que era preciso algumas orações para “purificar” a Arena Joinville. Não foi à toa que uma capela foi construída dentro do estádio. Além disso, os dirigentes tricolores frequentemente realizavam orações coletivas para pedir uma ajudinha das forças superiores.

Em 2008, na gestão do presidente Adelir Alves, até um padre foi contratado. No entanto, nada adiantava. O Joinville, de fato, parecia um clube alvo de grande maldição.

As coisas pareciam melhorar em 2009, quando o JEC ganhou a Copa Santa Catarina e finalmente garantia um lugar na Série D. Em 2010, o Tricolor chegou a vencer o turno do Estadual e disputou as quartas de final da Série D com a melhor campanha. Só que nas duas disputas, o Joinville acabou derrotado. No Estadual, queda inquestionável diante do Avaí. Na Série D, um tombo assustador contra o frágil América-AM.

E foi justamente após o revés contra o América-AM que um trio chegou à conclusão: era preciso buscar uma nova santa, em

Aparecida do Norte (SP).

– Após o jogo contra o América-AM, o Gilson (Sagaz) disse: “não tem jeito. Desde que quebraram nossa santa (Nossa Senhora Aparecida), dá tudo errado”. O Paulinho (Hoffmann) concordou. Procurei entender a história para saber do que se tratava – disse o diretor Vilfred Schapitz, à época, responsável pela área financeira do JEC.

Vilfred se inteirou sobre o assunto e, dias depois, surgiu a denúncia contra o América-AM. Apesar de estar apoiado pelo regulamento, o Joinville não venceu a primeira disputa nos tribunais e corria sério risco no pleno do STJD. E aí veio a promessa.

– Decidimos que, se o JEC conseguisse o acesso, iríamos até Aparecida do Norte (SP) para buscar uma nova santa. Este era o combinado entre eu, o Sagaz e o Paulinho – conta Vilfred.

No último julgamento, o América-AM acabou punido e o Joinville herdou a vaga na Série C. Em agradecimento, o trio deu início, já no sábado seguinte, à saga até o interior de São Paulo para buscar a imagem da nova santa.

Na manhã de sábado, às 6 horas, eles iniciaram a viagem. Mal sabiam eles que haveria uma série de desafios, quase como testes para a fé dos tricolores. O trajeto, que deveria terminar até as 15 horas, durou quase até as 22 horas em razão do congestionamento.

Para piorar, não foi possível descansar na cidade porque todos os hotéis estavam lotados. O trio teve de viajar a uma cidade vizinha, Lorena, onde também não havia hotéis disponíveis. Apenas um pequeno abrigo, com condições precárias, oferecia espaço para os tricolores. O jeito foi encarar o desafio.

O banho teve de acontecer em água fria – não havia água quente –, o sono veio numa cama pouco confortável e o café da manhã estava longe de ser agradável. Nem a fechadura funcionava direito. O jeito foi esperar e sair na manhã seguinte para buscar alguma alimentação melhor em outro lugar.

Logo depois do lanche, o trio voltou a Aparecida. Lá, finalmente conseguiu a imagem da santa, benzida. No retorno a Joinville, decidiram deixá-la nos vestiários da Arena.

Quem ficou da temporada de 2010 para 2011 percebeu o novo objeto.

E parece que a santa começou a trazer sorte para o JEC, que ganhou o título da Copa Santa Catarina, o acesso para a Série B e o título nacional da Série C. E aí aparece outro detalhe da viagem de 2010: antes de voltar para Santa Catarina, o trio prometeu que retornaria a Aparecida, com a santa, se o Joinville subisse para a Série B em 2011.

No fim de 2011, Vilfred Shapitz, Gilson Sagaz e Paulo Hoffmann estiveram em Aparecida, com a santa, para agradecer e pedir nova bênção para a imagem, cumprindo a promessa feita no ano anterior. Hoje, a imagem de Nossa Senhora Aparecida está lá, nos vestiários da Arena. E ao que parece, ela tem protegido bem o JEC, que, hoje, está bem longe da realidade que viveu entre 2004 e 2010.

# UM RETORNO improvisado

Quando o Jecão – apelido do ônibus do Joinville – pegava a estrada para atravessar o Estado rumo a algum jogo do Tricolor, sempre era uma loteria saber se ele chegaria ao seu destino ou se iria empacar em algum encostamento das rodovias. Quando se chegava sem imprevistos até a outra cidade, já havia um primeiro motivo para comemorar. Mas a apreensão, invariavelmente, se repetia no caminho de volta.

E foi justamente em um retorno para Joinville que as coisas deram errado para o “zarco” do Tricolor em 2005.

Logo após o empate por 1 a 1 com a Chapecoense no Oeste do Estado – um bom resultado naquela Série A2 do Campeonato Catarinense –, o JEC iniciou a sua viagem de volta para casa feliz da vida. Não se sabe se pela empolgação ou por simples descuido, o motorista errou logo no primeiro trevo e, em vez de rumar no caminho para o Planalto Norte, se embicou para Concórdia, no Meio-oeste do Estado.

Tivera sido esse o maior problema da viagem de regresso. Madrugada

adentro, logo após ter passado pela cidade de Porto União, uma mangueira estourou e o Jecão foi obrigado a parar na rodovia escura. Eram 2 horas e não havia socorro por perto.

Sem alguém para consertar o veículo, com dificuldade para fazer contatos em plena madrugada e sem um ônibus para utilizar como plano B, o que fazer para que cerca de 30 pessoas pudessem voltar para casa e trabalhar no dia seguinte?

A solução dos responsáveis pelo JEC foi, no mínimo, curiosa.

Conseguindo uma van e um ônibus para se deslocar em um pequeno trajeto, carregaram os veículos com os materiais de apoio e embarcaram a delegação com destino a Mafra.

De lá, pela primeira e única vez na história, o time inteiro do JEC voltou para casa em um ônibus de linha.

O JEC chegou de volta à cidade no meio da tarde e perdeu um dia de trabalho, mas a história é lembrada até hoje com bom humor por aqueles que vivenciaram o clube na época das vacas magras.

# DO AVENTUREIRO Para o Wembley

Você conhece Everaldo Luiz Pinheiro? Pelo nome, fica um pouco difícil, mas o apelido facilita o reconhecimento: Benson. O joinvilense, criado no bairro Aventureiro, foi revelado pelas categorias de base do Joinville. A vida do agora ex-atleta é recheada de histórias, muitas delas renderiam até um livro. No entanto, uma delas se destaca entre tantos “causos” envolvendo o jogador: a ida a Wembley.

Poucos acreditam, mas Benson, de fato, jogou no estádio mais famoso da Inglaterra. E tudo aconteceu de forma repentina. Até 1987, ele atuava apenas no time do pai. Ambicioso, sonhou em jogar no JEC. Depois de ganhar a autorização para fazer o teste, ele voltou para casa com boas notícias.

– Passei, pai. Vou jogar nas categorias de base do Joinville.

No ano seguinte, mais boas notícias: Benson foi convocado para a Seleção Brasileira infantil, que excursionou pela Inglaterra, Escócia, Irlanda, País de Gales e Holanda.

Empolgado, ele correu para casa para avisar o pai, que capinava.

– Pai, eu estou na Seleção Brasileira – contou.

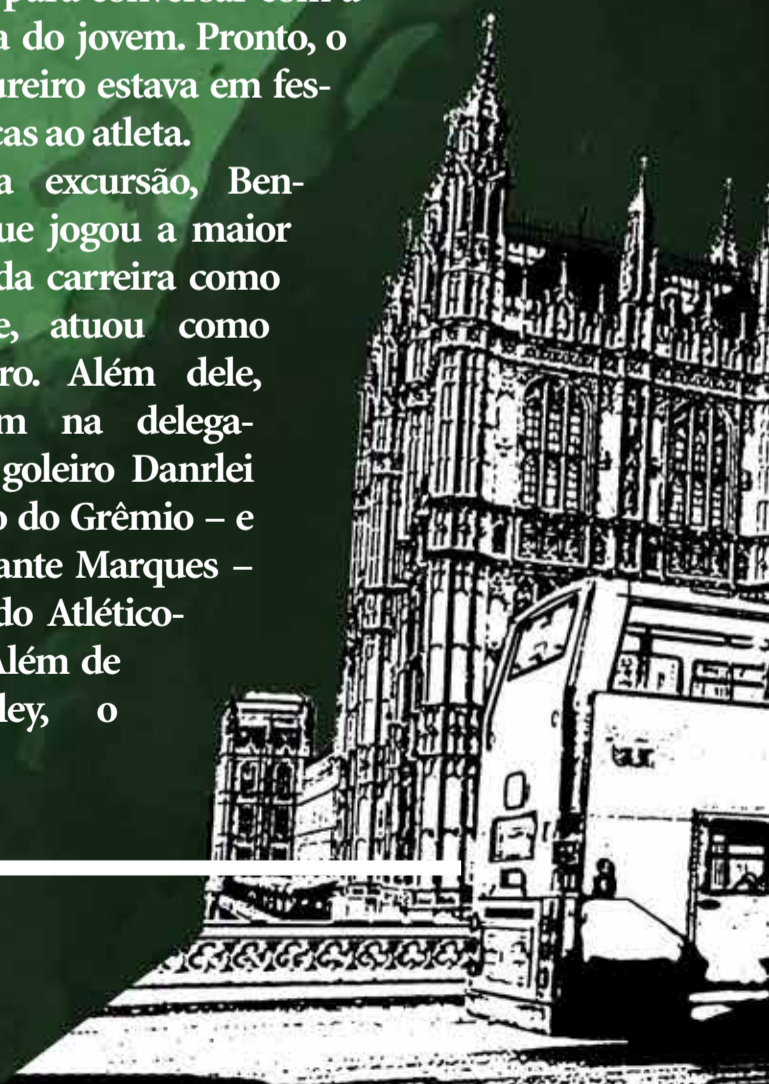
– Pare de bobagens, guri, e vá trabalhar – retrucou o pai.

– É sério, pai, fui convocado – insistiu Benson.

– Sai daqui com essas histórias, rapaz – devolveu o pai.

O pai de Benson só se convenceu quando a imprensa foi até a casa para conversar com a família do jovem. Pronto, o Aventureiro estava em festa graças ao atleta.

Nesta excursão, Benson, que jogou a maior parte da carreira como volante, atuou como zagueiro. Além dele, estavam na delegação o goleiro Danrlei – ídolo do Grêmio – e o atacante Marques – ídolo do Atlético-MG. Além de Wembley, o



grupo passou por outros grandes estádios, como o Anfield, do Liverpool; o St. James' Park, do Newcastle; o Ibrox Stadium, do Glasgow Rangers; e o Philips Stadion, do PSV.

Mas foi em Wembley, palco construído em 1923, que Benson viveu o grande sonho. Os brasileiros encararam os ingleses de igual para o igual. O saldo, no entanto, não foi positivo: derrota por 2 a 0.

– Nós nos c... inteiros – lembra, rindo à toa.

O saldo só não foi pior porque o Brasil conseguiu empatar os dois jogos seguintes; porque Benson completou 15 anos na Inglaterra; e porque, apesar de falta de habilidade com o inglês, o ex-jogador soube tirar proveito da beleza das inglesas.

– Aonde eu ia, só dizia 'kiss, kiss' (beijo). Chegou uma hora que uma inglesa 'quis' também, e aí deu tudo certo – recorda, gargalhando.

Everaldo Luiz Pinheiro ganhou

o apelido de Benson em razão de uma série de TV americana, exibida entre 1977 e 1986. O personagem tinha fama de popular, brincalhão e irreverente, exatamente como o ex-volante. A diferença é que o mais famoso falava inglês. O outro apenas arranhou algumas palavras para se dar bem e fazer história na Terra da Rainha.



# ELE JOGOU, FOI CAMPEÃO, mas não se lembra DA FINAL

A segunda-feira de 19 de junho de 2000 amanheceu mais alegre para os torcedores do Joinville. Na verdade, vários tricolores sequer dormiram na noite anterior, tamanha foi a festa na cidade. Após 12 anos de jejum, o JEC voltava a conquistar o Campeonato Catarinense. A vitória por 2 a 1 veio do jeito que todo joinvilense está acostumado: sob chuva e com sofrimento até o fim – só após o gol de Fabinho, aos 44 minutos, os jequeanos puderam respirar aliviados.

A conquista, certamente, está na memória

de todas as mais de 15 mil pessoas presentes naquela noite no Estádio Ernesto Schlemm Sobrinho. Na verdade, a conquista está na memória de quase todas. Houve uma pessoa que esteve em campo, jogou, mas não lembra de nada: o goleiro Marcos Antônio Ronconi, o Marcão.

Aos 31 minutos do primeiro tempo, o lateral Emerson Gaúcho, do Marcílio Dias, recebeu livre, no lado esquerdo, e partiu em direção ao gol. Marcão não teve dúvidas e se jogou ao encontro da bola. No entanto, o camisa um ficou com a bola e com o pé esquerdo de Emerson na cabeça. O choque foi



tão violento que Marcão teve uma parada respiratória.

O susto o obrigou a deixar o estádio numa ambulância. Foram 23 horas em observação no Hospital São José. Antes de estar recuperado, o Joinville fez sua parte em campo e venceu o Marcílio Dias por 2 a 1. Marcão só foi saber do título horas depois no hospital, ainda um pouco tonto e com dores na cabeça.

– Estava zozinho, a cabeça parecia explodir, mas fiquei feliz quando soube. É lógico que foi um pouco frustrante estar fora da final porque eu joguei todos os jogos do campeonato, passamos dificuldades, houve salários atrasados, e, para mim, que veio da base, o título era ainda mais significativo. Mas são coisas que acontecem no futebol e estávamos sujeitos a isso na época – relata.

Marcão diz lembrar apenas do aquecimento e de sua entrada em campo. Os outros 31 minutos de jogo foram apagados de sua memória em razão do choque. O susto foi tão grande que provocou até um certo receio de ver o vídeo do acidente.

– Passei dias sem ver o lance na TV. Não sei explicar por que, mas não quis ver.

Logo após o lance, o zagueiro Teio presenciou cenas assustadoras. Marcão revirava os olhos e começou a recolher a língua. O desespero tomou conta dos atletas, que rapidamente chamaram os médicos. O goleiro não gosta muito de citar estas lembranças, contadas pelos colegas. A sensação ruim só é es-

quecida quando recorda das brincadeiras feitas pelos companheiros nos dias seguintes ao choque.

– Teve gente até falando que um bombeiro fez respiração boca a boca. Nunca ninguém me confirmou isso e nada aparece nos vídeos. Mas se de fato aconteceu, eu fico feliz. Foi o melhor ‘beijo’ que já ganhei, pois voltei à vida – brinca.

Marcão foi considerado completamente recuperado um mês após o jogo. Quando voltou a trabalhar, não teve receio por outro choque, apenas medo de um possível acidente vascular cerebral (AVC). Para a sorte da torcida do JEC, o goleiro se manteve saudável e cumprindo muito bem sua função.

Prova é que, em 2001, ele voltou a jogar todas as partidas do Campeonato Catarinense e virou protagonista da final contra o Criciúma em razão da sua atuação impecável. Com defesas quase impossíveis, ele parou o ataque do Tigre e ajudou o Joinville a assegurar o bicampeonato estadual.

– Foi a melhor atuação da minha carreira. Dá até para dizer que foi um prêmio por tudo que passei no ano anterior. E teve gosto especial porque minha família esteve lá no Heriberto Hülse.

De Maracajá – pequena cidade próxima a Criciúma – para a história do Joinville. Não há dúvida de que Marcão foi um dos grandes ídolos e jamais será esquecido pela torcida tricolor. Nem uma pancada na cabeça será capaz de apagar os feitos do camisa 1 do JEC.

---

# A MAIOR virada da HISTÓRIA

Em 40 anos de história desde a fundação, o Joinville acumulou vitórias, empates e derrotas. São centenas de partidas disputadas, com dezenas de jogos inesquecíveis. Mas para quem acompanha o clube desde a época em que ainda era uma incerteza se a fusão entre Caxias e América daria certo, há um duelo que jamais será apaga-

do da memória: Joinville contra Dom Bosco.

Não por ser apenas a primeira aparição do Joinville em um Campeonato Brasileiro, no ano de 1977, mas por ser um confronto que ficou marcado por tensão, por drama e por um milagre que o destino reservou para Osni Fontan protagonizar. Atleta que havia defendido

---



as cores das duas equipes fundadoras do JEC, ninguém teria a estrela maior que a do capitão naquela noite de 16 de novembro.

A inexperiência em competições nacionais pesou para o Joinville, que fazia uma campanha ruim até o jogo contra a equipe do Mato Grosso. O Ernestão ficou pequeno para tanta gente que foi apoiar o Tricolor. Derrota ou empate praticamente limariam as esperanças de o Tricolor avançar à segunda fase. Uma vitória seria bom, mas um triunfo por dois gols de diferença seria o ideal – à época, vitórias por só um gol de diferença davam dois pontos, já uma margem maior resultava no cômputo de três.

Mas de nada adiantava a calculadora em mãos. Do outro lado do campo, o Dom Bosco estava disposto a estirpar o sonho da equipe local. Aos 33 minutos da primeira etapa, os visitantes já venciam por 3 a 1, com três gols do endiabrado atacante Gonçalves.

Britinho, Cremilson e Taquinho foram os responsáveis por deixar o placar da peleja igual ainda antes do intervalo – fazendo com que as

vaias e críticas se transformassem em gritos de apoio na volta para o segundo tempo.

Sob o comando do técnico Paulo Sérgio Poletto, o JEC retornou pressionando, mas a bola teimava em não entrar. O tempo foi fugindo pelo relógio. A torcida já se preparava para deixar o estádio. O cansaço já fazia a perna ficar mais pesada.

Mas a sorte sorriu para Fontan.

Aos 39 minutos, ele fez o quarto gol do Joinville. O gol da virada. A comemoração dentro das quatro linhas se espalhou pelos quatro cantos do estádio. Já estava bom, mas poderia ficar ainda melhor. Três minutos depois, com a energia de um Ernestão ensurdecido, o capitão fez o quinto: 5 a 3. Fim de jogo.

– Não sei como a arquibancada não caiu depois do quarto gol, tamanha a vibração. Aquilo arrepiava muito. Depois do quinto gol, nem se fala. Foi uma festa gigante. Foi o jogo mais empolgante que fiz pelo Joinville – recorda o herói do duelo.

Muitos torcedores do JEC não tiveram a chance de assistir a esta partida. Mas quem esteve lá jamais vai se cansar de lembrar daquela partida.

Foram raras as ocasiões em que o time do Joinville teve a oportunidade de enfrentar o melhor jogador do futebol brasileiro da temporada como adversário. Em 2013, isso aconteceu. O rival seria o Santos, do atacante Neymar, pela Copa do Brasil. Aos 21 anos, o jogador do Peixe já era uma das principais promessas do futebol mundial. Mas, no confronto contra o Tricolor, quem saiu sob os holofotes de campo foi o goleiro Ivan, do Joinville. Mas não exatamente pelas boas defesas que protagonizou nos dois jogos que culminaram na eliminação do JEC na segunda fase do torneio.

Depois de uma derrota do JEC por 1 a 0 no jogo de ida, na Arena, e um empate por 0 a 0 na Vila Belmiro, todos os sites estampavam a foto do camisa 1 do Joinville após o confronto. O motivo foi uma declaração do goleiro a respeito do futuro do atacante alvinegro. Quando todos os jornais do mundo especulavam sobre a possível ida de Neymar para o futebol europeu, foi o arqueiro do Tricolor que deu a informação em primeira mão após o jogo.

– Quando fui falar com Ney-

mar, eu disse que era fã do futebol dele e que gostaria que ele continuasse no Brasil. Ele só respondeu “não dá mais”. E saiu dando risada – contou, à época, Ivan.

A declaração do goleiro do Joinville foi repercutida por jornais no Brasil e no mundo, causando um grande alvoroço na esfera do futebol. No outro dia, o telefone dele não parava de tocar com pessoas querendo mais informações. O pai de Neymar chegou a desmentir o fato. Ivan também se disse arrependido de ter falado o conteúdo da conversa aos jornalistas, que teriam distorcido a informação.

Mas não demorou para a história tomar corpo e se confirmar. O Joinville enfrentou o Santos no dia 22 de maio de 2013. Três dias depois, por meio de redes sociais, Neymar confirmou o acerto para defender o Barcelona.

Ivan marcou época no Joinville – sendo titular dos títulos das séries B e C do Campeonato Brasileiro –, mas também sempre será lembrado como o jogador que deu o furo de jornalismo que muito repórter gostaria de ter dado.

# O GOLEIRO que furrou a IMPRENSA MUNDIAL



Cruzar alguns bairros da cidade de bicicleta, voltar para casa antes do almoço, retornar ao Ernestão de “zica”, ir novamente para casa, tomar banho, estudar e ir para o colégio. A vida dos jogadores das categorias de base do Joinville que residiam na cidade não era fácil em 1979. A situação poderia ficar ainda pior se o prata da casa não tivesse uma bicicleta. Pelo menos, amigos não faltavam na vida de Francisco da Silva – o Da Silva.

Quando foi fazer um teste a convite do Joinville para integrar as categorias de base, Da Silva foi caminhando da rua José do Patrocínio, no Saguçu, até a rua Coronel Francisco Gomes, no Bucarein, onde ficava localizado o Ernestão. Uns oito atletas foram observados naquele dia, mas só dois tiveram o crivo do técnico Linor do Rosário: o personagem desta história e o atacante Leandro Campos (aquele mesmo que mais tarde se tornaria técnico do Joinville).

Aprovado no JEC e sabendo da necessidade de um goleiro na equipe, Da Silva indicou o vizinho Silvio Nunes (mais tarde, campeão estadual pelo JEC e da Libertadores pelo

Grêmio), figura carimbada nos campos de barro do Saguçu. O camisa 1 se destacou logo no primeiro treino e também foi aprovado no teste.

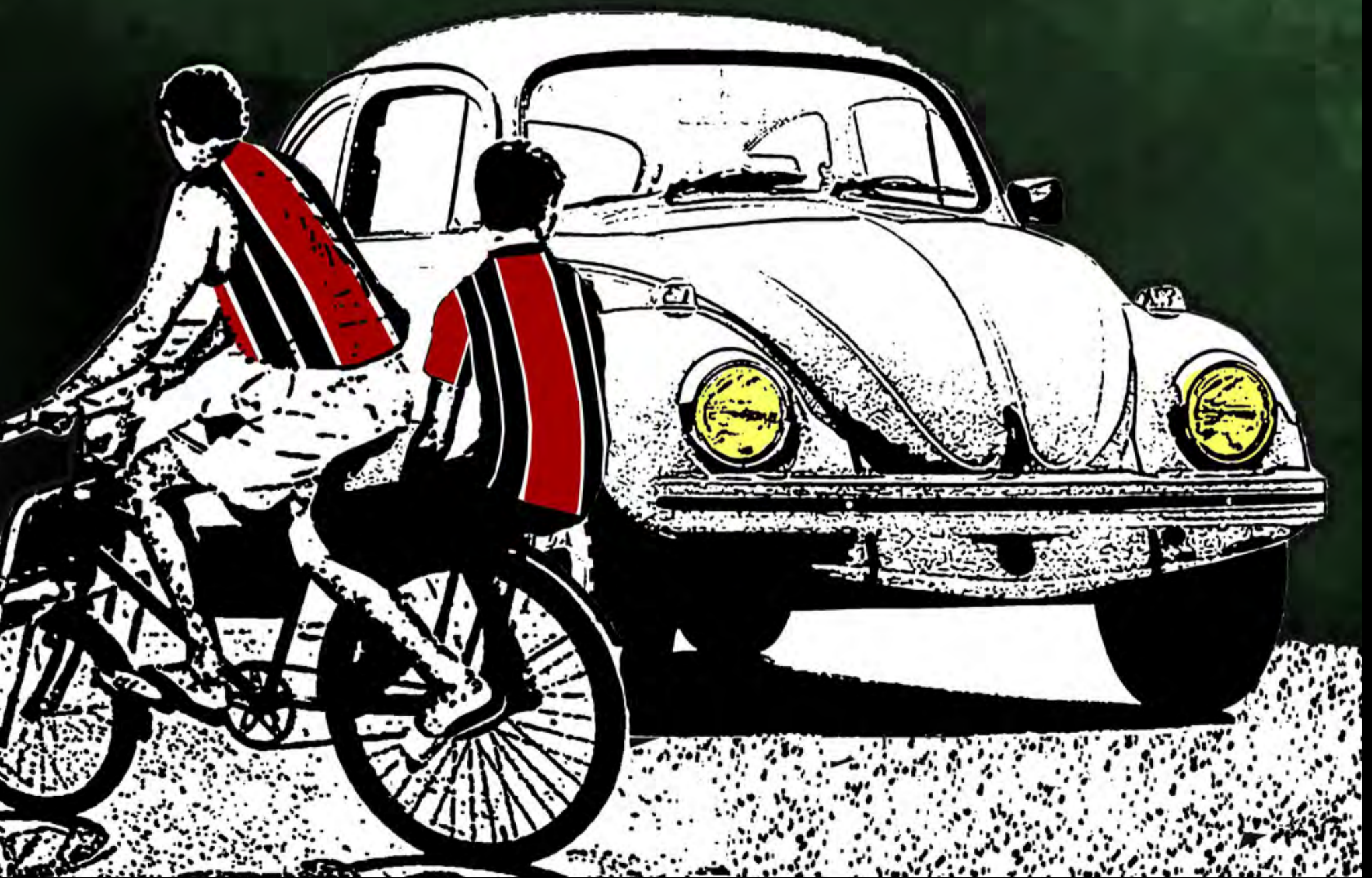
Os três amigos, que moravam muito próximos uns dos outros, então bolaram a logística para ir aos treinos todos os dias e dar conta da exaustiva rotina: iriam de bicicleta. O problema era que Da Silva não tinha uma “zica”. A solução foi encontrada pelos camaradas. Eles se revezariam e um iria sempre na garupa.

– Ia atrás, não na frente, no ferro – ri Da Silva ao recordar das divertidas histórias dos três colegas.

Mais velho que os outros dois, Da Silva foi o primeiro a se destacar e ser promovido ao time profissional. Guardou todo o dinheiro que recebia – já que “não tinha com o que gastar, pois o pai e a mãe davam tudo” – e comprou seu primeiro carro, um Fusca.

O volante bom de coração não esqueceu dos amigos. Quando ia treinar com o profissional, passava na casa de Leandro e de Silvio para levá-los até o Ernestão e, assim, retribuir todo o companheirismo.

# UMA HISTÓRIA de amizade



# TEVE AJUDA

## de outro coelho

Em 2014, Joinville e América-MG, clubes que utilizam o mesmo mascote, cultivaram uma rivalidade que não havia até então. Em campo, confrontos marcados pelo equilíbrio, com saldo positivo para o Coelho mineiro – vitória em Belo Horizonte por 3 a 1 e empate em Joinville por 1 a 1.

Fora do campo, quem levou a melhor foi o Coelho catarinense. O JEC denunciou o América-MG pelo uso de maneira irregular do lateral-esquerdo Eduardo, que atuou por três clubes em duas competições da CBF – fato proibido de acordo com o Regulamento Geral de Competições.

Embasado, o Tricolor acionou o STJD e foi vitorioso. O América-MG perdeu 21 pontos no primeiro julgamento, mas recuperou 15 deles na segunda audiência. No entanto, o prejuízo de seis pontos custou o acesso à Série A. Como os dois coelhos brigavam por um lugar na elite, o Joinville entendia, à época da denúncia, que a irregularidade mineira poderia ajudar como um adversário a menos na briga por uma das vagas.

Parece curioso, mas 18 anos antes, Joinville e América-MG viveram situação bem diferente e uniram forças fora de campo para que o JEC conseguisse uma vaga na Série B de 1996.



A versão desta história é de Vilson Florêncio, ex-presidente do Tricolor. Tudo começou na Série C de 1995. O JEC chegou às quartas de final da competição e acabou eliminado nos pênaltis para o XV de Piracicaba. Desclassificado, teria de voltar a jogar a Série C no ano seguinte.

O que mudou a história foram os problemas da Série B de 1996. Clubes sem recursos desistiram de suas vagas – um deles, o Bangu (RJ), que, sem o financiamento do bicheiro Castor de Andrade, preso pela Justiça brasileira, não tinha condições de participar do campeonato. Barra dos Garças (MT), América (SP), Ferroviária e Novorizontino também desistiram.

Além deles, estavam fora a Ponte Preta e o Democrata de Governador Valadares (MG), rebaixados no ano anterior. Deste modo, começou a substituição dos participantes. O XV de Piracicaba (SP), campeão da Série C, e o Volta Redonda, vice, ocupariam os lugares dos times rebaixados. Por causa das desistências, o rebaixamento da Ponte não aconteceu e ela continuou na Segundona.

Restavam ainda quatro vagas. Vieram então, pela ordem, Atlético-GO, Gama-DF, ABC-RN e Joinville, terceiro, quarto, quinto e sexto colocados, respectivamente, da Série C de 1995. Com a definição dos 24 clubes, foi adicionado ainda o América-MG, que cumpriu dois anos de punição imposta pela CBF – o América-MG acionou a

Justiça comum para questionar o rebaixamento em 1993.

Com 25 equipes, o campeonato, tecnicamente, parecia resolvido. Parecia, sem ser definitivo, porque critério técnico nem sempre foi pensado na substituição das equipes que haviam desistido. E aí surge a ajudinha do América-MG ao Joinville, de acordo com o ex-mandatário do JEC.

Após a desistência do Bangu, o JEC se considerava na Série B pelo critério técnico. Faltava apenas a oficialização por parte da CBF, que demorava a acontecer. Até que um telefonema de um diretor do América-MG (cujo nome não foi revelado) alertou Vilson Florêncio.

– Estão passando vocês para trás – recorda o ex-dirigente, atribuindo esta frase ao então diretor do América-MG.

Segundo Florêncio, havia um movimento para que o Nacional-AM fosse convidado para a Série B, dando à competição mais espaço para clubes de outras regiões do País. A reforma do Estádio Vivaldão contribuía para o desejo.

Preocupado, Florêncio partiu para o Rio de Janeiro e conversou com o diretor técnico da CBF, cujo sobrenome, coincidentemente, também era Coelho. Gilberto Coelho teria dito ao presidente do Joinville que não havia dúvida de que a vaga era do Tricolor, mas era preciso que o presidente da CBF, Ricardo Teixeira, confirmasse o fato.

Neste instante, segundo Florêncio, quem o procurou foi o presidente da Federação Catarinense de Futebol, Delfim Pádua Peixoto Filho, que gostaria de entender por que o presidente do JEC estava no Rio de Janeiro.

– Vim defender os interesses do Joinville, assim como você deveria fazer com um de seus afiliados – afirmou Florêncio, de acordo com suas lembranças.

Florêncio nunca teve um bom relacionamento com Delfim e desconfiava de que o presidente da FCF sabia que havia algo contra o Joinville. Delfim teria ido ao Rio de Janeiro porque o presidente do JEC exigia falar com o presidente da CBF.

Ao encontrar Delfim no Rio, Florêncio garante que o ameaçou dizendo que denunciaria a FCF e a

CBF à imprensa caso o Joinville não herdasse a vaga.

– Eu ainda tinha o apoio do América-MG. Eles me garantiam que se o Joinville fosse passado para trás, também denunciariam algumas irregularidades.

Dias depois, na versão de Florêncio, o Joinville finalmente foi oficializado como equipe de Série B. A FCF afirma que esta história de Florêncio jamais existiu.

– O Joinville seria confirmado como clube da Série B por critério técnico. Sempre foi assim nas competições da CBF, o critério técnico prevalecia – informou Delfim.

A única confirmação feita pelo presidente da FCF era de que ele e Florêncio não mantinham um bom relacionamento.



# CAIU NA RESENHA do empresário

Lateral que marcou época no time do Joinville, Rafael Tesser fez sua primeira passagem pelo clube em 2006, ano em que o Tricolor ficou com o vice-campeonato do Catarinense. Mas quando chegou ao JEC para assinar o contrato, o jogador ainda não era conhecido por todos. Que o diga um funcionário do JEC que foi “enganado” pelo empresário do jogador.

À época, Tesser era empresariado pelo ex-zagueiro Wilson Gotardo, que viajou com o jogador até Joinville para acertar os detalhes do contrato. Na sede do clube, os dois estavam em uma sala à espera dos representantes do Joinville. Quando o lateral saiu do ambiente por alguns instantes, um funcionário entrou no escritório para fazer a ficha técnica com os dados do jogador. Como só o empresário, à época com 43 anos, estava no local, o funcionário pensou se tratar do novo reforço do Tricolor.

– Diga lá. Qual é seu nome de guerra, meu filho? – perguntou ao ex-zagueiro, que logo se deu conta da confusão e resolveu entrar na

brincadeira.

– Wilson Gotardo – respondeu o atleta, retirado dos gramados desde 1999.

– Posição? – indagou.

– Zagueiro – retrucou Gotardo, escondendo o riso.

– Idade?

– 43 anos.

Nesse momento, o funcionário do Tricolor arregalou os olhos, mas continuou com o trâmite para completar a ficha do atleta. Quando saiu da sala, espantado com a longevidade do jogador que seria apresentado, ele não se conteve e chamou um colega de trabalho para compartilhar a surpresa.

– Você não vai acreditar.

– O que aconteceu – perguntou o companheiro?

– Não vamos ganhar nada nesse ano. Esse nosso Joinville está contratando jogadores cada vez mais velhos!

Como o protagonista dessa história diz não lembrar do caso contado, embora não o conteste, a sua identidade foi preservada.

# PRESIDENTE que troca o pneu E DIRIGE O ÔNIBUS



Figura célebre do futebol brasileiro, Neném Prancha – que foi roupeiro, massagista, olheiro e técnico – certa vez disse:

– Pênalti é uma coisa tão importante que quem deveria bater é o presidente.

No Joinville, presidente não bate pênalti. Mas troca o pneu e dirige o ônibus do clube em uma viagem se for necessário. O fato aconteceu no ano de 1995. Tudo bem que Márcio Vogelsanger ainda não era o dirigente máximo do Tricolor, ainda era só diretor de futebol, mas essa é mais uma das boas histórias do alemão que presidiu o Tricolor em duas gestões.

O JEC retornava de Bandeirantes (PR) após derrota por 2 a 0 para o União Bandeirante – resultado que garantiu ao Tricolor a classificação à terceira fase da Série C, pois havia vencido a partida de ida por 4 a 1.

Durante a noite, um dos pneus do ônibus estourou. Se já estava com dor de cabeça antes do acontecimento, Márcio Vogelsanger se irritou ainda mais ao saber que haviam esquecido o estepe em Joinville. Ele havia sido levado para o conserto em uma borracharia ainda antes da viagem, mas foi esquecido por lá.

O jeito foi pedir ajuda à beira da

rodovia. Para mudar a sorte do Tricolor, um solidário caminhoneiro de Curitiba ofereceu o estepe. Alívio para Vogelsanger? Não! Como ninguém conseguia trocar o pneu do ônibus, o futuro presidente colocou a mão na massa e executou a tarefa.

– Eu já tinha caminhão e eu mesmo trocava o pneu, então já tinha os macetes. Não é muito diferente o processo em um ônibus ou caminhão – recorda.

Time todo dentro do ônibus, o motorista Amaro retorna à boleia e o JEC reinicia a viagem. Finalmente, o diretor poderia descansar. A paz durou pouco. Sentado atrás do piloto, Márcio viu quando ele deu uma pescada ao volante, indicando sinal de cansaço. Como já estavam todos cansados, Márcio assumiu a direção e conduziu o "zarco" até que o motorista estivesse recomposto.

O JEC completou a viagem e chegou a Joinville na manhã de segunda-feira. No mesmo dia, a Pampa do Tricolor foi levar o estepe de volta a Curitiba para o seu dono original.

Por essas e outras, Márcio Vogelsanger é o único presidente que pode dizer que dirigiu o JEC de todas as formas.

---

# TÍTULO INTERNACIONAL (e o nascimento) DE UM ÍDOLO


Os brasileiros Vasco, Santos e Flamengo. O argentino River Plate. Os uruguaios Peñarol e Nacional. Os paraguaios Olimpia e Cerro Porteño. Além do chileno Colo-Colo e do colombiano Deportivo Cali. A pergunta que fica é: o que fazia o Joinville no meio de tanto bicho-papão no Sul-americano de Juniores em 1992? A resposta é simples: jogava futebol como gente grande.

Convidado às vésperas da competição que seria sediada em Santa Catarina, o time Tricolor então dirigido por Leandro Campos – em início de carreira – topou o desafio de ser figurante em um torneio que reunia as melhores equipes da América do Sul. Não havia muito a perder, e a experiência desses

jogos serviria de lastro para o time se preparar para o Estadual da categoria nos meses seguintes.

Mas a modesta equipe do Norte de Santa Catarina resolveu levar o desafio a sério, encarando quem aparecesse na sua frente de igual para igual. O primeiro a saber disso foi o Flamengo, que, mesmo jogando com um atleta a mais durante boa parte da partida, não passou do 2 a 2 no Ernestão.

Ainda pela primeira fase, o JEC resolveu ignorar a grandeza do poderoso Peñarol e venceu com um sonoro 3 a 0. Fechou a chave de classificação com um triunfo magro, por 1 a 0, sobre o Deportivo Cali.

A detailed illustration of a soccer ball striking a goal net. The ball is positioned on the left, with its black and white panels clearly visible as it makes contact with the white mesh of the net. The net is stretched across a frame, and the background is a light, textured grey. The overall style is that of a technical drawing or a fine-line illustration.

A vaga nas quartas de final já era para ser comemorada como um troféu. Passar invicto por times com muito mais tradição internacional já é motivo para recortar o jornal e colocar em um quadro. Mas eles queriam mais. Nem o River Plate, nas quartas de final, iria parar o JEC. Empate por 1 a 1 no tempo normal e decisão nos pênaltis.

Foi então que apareceu a figura de um longilíneo goleiro chamado Marcos Antonio Ronconi. Ele, que já havia defendido um tiro da marca da cal contra o Rubro-negro carioca, fechou o gol para os argentinos. Atuação de gala, duas cobranças defendidas e vaga na semifinal para

encarar o Santos.

Mais trabalho para o camisa 1 que, aos 18 anos, aparecia pela primeira vez como titular do time de juniores. Após empate por 1 a 1, decisão por pênaltis. A estrela brilhou e Marcão defendeu mais duas cobranças, colocando o Joinville na final.

Disposto a não abusar mais da sorte, o Tricolor entrou na decisão diante do Vasco com tudo. Lá na frente, o ataque resolveu, fez três tentos no Estádio Hercílio Luz, em Itajaí. Lá atrás, Marcão, apesar de ser vazado uma vez, fechou o gol.

O Joinville venceu por 3 a 1. Mais do que ganhar o título sul-americano, ganhou um ídolo.

---

# UM CLUBE SEM presidente

Qual é o auge de um clube de futebol? Se você respondeu “ser campeão”, provavelmente acertou. Alcançar um título é atingir o objetivo pelo qual a equipe lutou durante a temporada, além, é claro, de dar alegria aos torcedores e aumentar a receita com venda de produtos, apoio de patrocinadores e conquista de novos sócios.

Mas nem sempre é assim. Por isso, este texto começa com a frase de que “ser campeão é, provavelmente, o auge de um clube de futebol”. No Joinville, o título estadual de 2000 trouxe uma série de problemas ao clube.

O primeiro e mais grave foi a falta de comando. Logo após o Estadual, o JEC passou dez dias sem presidente. Na sétima rodada do retorno do Campeonato Catarinense de 2000, Márcio Vogelsanger anunciou que renunciaria ao cargo de presidente após o término do campeonato.

A competição acabou, o JEC festejou o título, mas ninguém sabia quem assumiria a cadeira mais importante do clube. Vogelsanger confirmou a renúncia no dia 28 de junho. O conselho deliberativo se reuniu, acatou o pedido, procurou apontar um nome, mas faltavam candidatos.

Na verdade, houve um candidato: Nédio Domingos Vitório, diretor de promoções da gestão Vogelsanger e único remanescente daquela direção. Ele se lançou como candidato e como não havia opositores, a cidade já o considerava como futuro presidente do JEC. Mas na assembleia de aclamação no dia 4 de julho de 2000, ele voltou atrás e desistiu.

Tudo aconteceu durante 24 horas. No dia 3, Nédio deu entrevistas como presidente do Joinville. No entanto, a sua esposa, Mercia Vitório, o convenceu a mudar de ideia temendo que a família e a empresa de Nédio fossem

prejudicadas pela participação dele em tempo quase integral no JEC. Mercia chegou até a fazer um apelo junto ao presidente do conselho, José Carlos Vieira, para que Nédio não assumisse o clube.

Sem presidente, o conselho determinou que um triunvirato comandaria o clube até nova reunião do conselho, no dia 7 de julho. O trio era composto por Gerd Baggenstoss, Getúlio Ferreira e Laércio Beckhauser.

O que afastava os candidatos da direção do JEC eram os problemas financeiros. Após o título estadual, o clube acumulava uma dívida de R\$ 200 mil, referente a salários atrasados de atletas e funcionários desde abril, além das premiações pela conquista. O Joinville ainda tinha um passivo de mais de R\$ 1 milhão.

Sem receita, sem apoio de patrocinadores e com todos os jogadores negociados com diretores do clube como pagamentos a empréstimos feitos durante o campeonato, assumir o JEC era uma missão um tanto quanto ingrata.

No dia 7 de julho, em nova reunião do conselho deliberativo, coube ao empresário Irineu Machado topar o desafio. Diretor financeiro da gestão Wilson Florêncio, Irineu já tinha a experiência de conviver na administração de um clube de futebol. Ele também era o dono da escolinha do Irineu, que durante alguns anos foi a

responsável por dirigir as categorias de base do Joinville.

– Cheguei e a primeira coisa que tive de fazer foi uma ‘vaquinha’. Doe R\$ 20 mil e consegui mais R\$ 5 mil com alguns conselheiros. Arrecadamos R\$ 55 mil para pagar dívidas. Nem a conta do jantar do título de 2000 havia sido paga ao restaurante – conta Irineu.

Além de buscar recursos, Irineu cortou custos. Reduziu a folha de R\$ 80 mil para R\$ 40 mil – depois ela chegou a R\$ 70 mil durante a disputa da Copa João Havelange, segundo o próprio Irineu.

O goleiro Marcão e o lateral Magal foram os únicos titulares campeões que permaneceram. A equipe foi formada com jogadores que ganhavam entre R\$ 1,5 mil e R\$ 4,5 mil. Irineu tocou o clube no mandato-tampão até março de 2001. Naquele mês, eleições definiriam quem seria o novo presidente do JEC.

Irineu perdeu as eleições, confessa ter ficado magoado por sair depois de assumir um clube desprezado por todos, mas garante que não se arrepende de ter tomado a atitude no dia 7 de julho de 2000.

– O futebol nos ensina várias coisas na vida. Hoje, eu não faria isso, mas não posso dizer que me arrependo de ter assumido o clube. O futebol é um vício, quase uma droga, difícil de largar.

– Todo goleiro tem fama de ser meio maluco. E eu não era diferente.

Aos risos, o goleiro Rodolfo, titular do Joinville entre os anos de 1987 e 1988, recorda da sua passagem pelo maior time de Santa Catarina na época. Ele foi o titular do Tricolor na conquista do Catarinense de 1987, o último antes de um jejum que só terminaria em 2000. Mas não é exatamente por isso que ele é lembrado pelos ex-companheiros de clube. Sua fama ainda perdura por ter sido o “maluco” que bateu o ônibus que levava o clube às viagens.

Cada pessoa que conta a história aumenta um ponto. Uns dizem que ele capotou o ônibus ao tentar virar em uma curva fechada. Outros dizem que ele ia a mais de 100 quilômetros por hora para sentir o motor do possante. Mas ninguém melhor para contar a história do que o ex-camisa 1, que ainda tem vivos os acontecimentos daquele dia na memória. O personagem coadjuvante dessa história é o também ex-goleiro Sílvio, que herdaria o posto de titular após a consequência dos acontecimentos.

– Eu sempre gostei de dirigir. Então, quando a gente viajava, eu pedia para manobrar: dar a ré, ir para a frente, encostar o ônibus. Um dia, voltamos de uma viagem e o ônibus ficou parado na frente do estádio. Todo mundo desceu. Eu olhei para o Sílvio e falei: ‘Va-

mos dar uma volta no quarteirão!’ Ele olhou para mim e disse que eu estava doido. E eu respondi: ‘Vamos. A chance é agora.’

Sem a mesma maestria que tinha para olhar nos olhos dos atacantes e fazer defesas milagrosas, Rodolfo calculou mal a primeira curva que foi fazer. Não abriu o ônibus suficientemente para fazê-lo dobrar a esquina e começou a raspar a parte superior do veículo na marquise de algumas lojas que ficavam nas imediações do estádio. Prejuízo para o clube e para os comerciantes.

– Como era de noite, voltamos rapidinho e encostamos o ônibus sem que ninguém percebesse.

Ledo engano. No outro dia, o presidente Waldomiro Schützler já o esperava na chegada ao estádio. A bronca do dirigente veio acompanhada de uma promessa:

– Se você fechar o gol contra o Avaí, pode ficar tranquilo que eu pago todo o prejuízo e a gente esquece essa história – recorda Rodolfo.

Rodolfo até que tentou, mas o JEC perdeu para o Leão. Na semana seguinte, o camisa 1, que tinha mais um ano de contrato, acabou sendo negociado com o futebol português.

– Como custou cara aquela brincadeira – ri o goleiro, ao falar sobre o trágico desfecho da história.





# A BARBEIRAGEM que custou CARO



Há momentos e momentos para se fazer uma piada com uma pessoa. Quando a brincadeira envolve quase 14 mil pessoas, então é bom pensar muito bem antes de executá-la. Mas, em 2011, o meia João Henrique, do Joinville, não pensou muito nisso e acabou protagonizando uma das cenas mais engraçadas da conquista do título da Série C. Seria o tipo de história que tinha tudo para dar errado, mas o JEC estava tão iluminado naquele campeonato que o destino tramou para que o final fosse feliz.

Nas vésperas de a competição iniciar-se, o atacante Lima, o maior artilheiro da história do Tricolor, sofreu uma lesão que o afastaria dos gramados por mais de três meses. Sem a sua referência ofensiva, o JEC fazia uma boa campanha e liderava o seu grupo na segunda fase do torneio. O jogo contra o Brasiense, na Arena lotada, seria um divisor de águas. Uma vitória praticamente encaminharia o acesso para a Série B. Nessa partida, pela primeira vez, Lima voltou a ser relacionado para um confronto.

Era início do segundo tempo e o Tricolor já vencia por 2 a 0 quando o atacante apareceu ao lado do técnico Arturzinho pronto para entrar em campo. O técnico, que não havia chamado ninguém do banco de reservas, se assustou e perguntou o que o camisa 9 fazia ali.

– Ué, professor. O João Henrique

disse que você fez um sinal me chamando – retrucou Lima.

Sinuca de bico para Arturzinho. Se colocasse o jogador em campo, pode ser que ele não aguentasse por causa do período longe dos gramados. Se mandasse ele de volta para o aquecimento, corria o risco de ser xingado pela torcida. A solução encontrada pelo comandante foi segurar Lima por alguns minutos ao seu lado até que fosse o momento ideal para colocá-lo, o que aconteceu aos 21 minutos.

– E eu lá sou bobo? Se falasse para ele voltar para o aquecimento, aquela Arena vinha abaixo me xingando – brinca o ex-técnico do JEC.

Lima não só entrou em campo como fez o quarto gol do JEC na goleada por 4 a 1.

No fim do jogo, o enfurecido treinador foi cobrar satisfações de João Henrique. Apesar da vitória, ele poderia comprometer a recuperação do atacante e até mesmo a campanha do JEC. O meia, se fazendo de desentendido, alegou que havia visto um gesto do treinador e que havia se confundido.

A verdade só veio à tona no fim da competição, com o acesso já garantido e o troféu na estante do clube. João Henrique admitiu que havia pregado uma peça em todo mundo. Com todos felizes pela conquista, o jogador escapou ileso de uma possível punição.

# A MENTIRA QUE não fez mal PARA NINGUÉM



---

# A MUDANÇA DE CASA mais dolorida

Uma frase criada em 1939 pela personagem Dorothy, no filme *O Mágico de Oz*, diz que “não há melhor lugar do que o nosso lar”. E o Joinville fez bom uso desta teoria durante 28 anos, período em que a sua casa foi o Estádio Ernesto Schlemm Sobrinho, o Ernestão.

Lá, foram 876 partidas disputadas entre 1976 e 2004. Destas, o JEC venceu 514, empatou 244 e perdeu 118. Estes números renderam um bom aproveitamento de 67%. Apesar da marca, o Tricolor levantou apenas dois títulos dentro da sua antiga casa: em 1981, diante do Criciúma (o campeonato era o de 1980 que terminou apenas no ano seguinte); e o de 2000, contra o Marcílio Dias.

Mas os bons números começaram a diminuir nos últimos anos dentro do Ernestão. Parecia até que o estádio sabia que a saída do JEC praticamente decretaria a sua morte. No entanto, para entender esta história, é preciso voltar no tempo.

Tudo começou em 1976, ano de fundação do JEC. Nessa temporada, a

equipe se dividiu entre o Ernestão e o Estádio Dr. Sadalla Amin Ghanem, do América. A reforma geral do Ernestão é que fez o Tricolor fixar sua estrutura na zona Sul. Segundo previa o contrato de aluguel, acordado na fusão entre Caxias e América, o Joinville poderia administrar o estádio durante 25 anos.

E assim foi até 2001, curiosamente, ano do último título estadual. Em 2002, o Caxias, que havia retornado às atividades profissionais um ano antes, exigiu a retomada do espaço. Como o JEC estava sem teto, o Alvinegro voltou a alugar o local durante três anos. Em 2004, o Joinville deixaria o estádio após o término da construção da Arena Joinville.

Já em 2002, o Joinville começou a viver seus piores momentos dentro da sua casa. Naquele ano, o Caxias trocou a cor das arquibancadas. O vermelho sumiu e restaram apenas o preto e o branco. Ou seja, estava claro que ali o JEC já não era bem-vindo.

No mesmo ano, o Tricolor fez uma péssima campanha na Copa Sul-Minas e acabou rebaixado – a queda só

---

não se concretizou porque o torneio não voltou a ser disputado. A tentativa do tricampeonato estadual também esteve longe de acontecer.

Em 2003, a vaga na final no Estadual não veio porque o JEC empatou com um adversário alvinegro (Figueirense) em casa, num dia em que o campo parecia uma piscina em razão da forte chuva. Numa grande ironia, quem foi à final foi o Caxias, “novo dono” do Ernestão. Aquele ano só não foi pior porque o Joinville livrou-se do rebaixamento à Série C nas últimas rodadas da Série B.

Mas foi o ano de despedida do Ernestão que marcou o início da pior fase do JEC. Em 2004, a cidade (torcida, imprensa e autoridades) falavam em acesso à Série A para jogar a elite na nova Arena, que teria conclusão no fim daquele ano. O próprio clube – por meio do técnico Edson Gaúcho – adotou o discurso.

No entanto, o sonho virou pesadelo. O Tricolor terminou 2004 rebaixado à Série C. Em razão do fracasso, decidiu adiar a estreia profissional na Arena. O último jogo da Série B aconteceu no Ernestão: derrota por 1 a 0 para o Brasiliense.

Esta partida marcou também a despedida do Joinville como mandante no Ernestão. Mas a relação não havia terminado ali. Quase dois anos depois, o destino pregaria outra peça no inquilino: o Tricolor voltou ao estádio, desta vez como visitante.

Em 2006, o Caxias jogou como

dono do Ernestão e recebeu o Joinville e sua torcida pelo Campeonato Catarinense. O duelo aconteceu no dia 1º de fevereiro. E o estádio estava bem diferente da época em que o JEC o administrava.

As arquibancadas metálicas já não existiam. Deste modo, os torcedores tiveram de se concentrar na parte coberta. A grande maioria, obviamente, torcia pelo Joinville. Mas o Tricolor se não sentiu à vontade no local e, por pouco, não acabou derrotado. O gol de empate de Valdir Maravilha foi o último do JEC no palco e o 1 a 1 encerrou definitivamente a história entre estádio e o clube.

Há quem diga que a sinergia entre o Ernestão e o JEC eram tão grandes que o clube viveu sete anos de azar desde que deixou o espaço. Só em 2011 o Tricolor conquistou um título importante na Arena – o Brasileiro da Série C. E foi neste ano que garantiu a volta à Série B. Antes disso, a única alegria foi acesso à Série C, em 2010, fora de campo, conquistado por uma irregularidade do adversário e após um fracasso diante da torcida, na Arena.

Hoje, o Ernestão está num coma induzido. Em 2013, chegou a ser leiloadado para pagamento de dívidas do Caxias. Na Justiça, o Alvinegro recuperou o patrimônio, mas teve de vender parte do terreno (4.500 m<sup>2</sup>) para liquidar ações judiciais. Hoje, não há manutenção do que restou e a parte em frente à rua São Paulo deve se transformar, em breve, numa galeria de lojas.

---

# AS DISPUTAS pelo poder

Em 40 anos de história, o Joinville nunca chegou a ser um clube com grandes disputas pelo poder. Na verdade, em quatro décadas, só houve duas eleições nas quais o sócio teve de escolher quais seriam os comandantes do Tricolor. A primeira delas aconteceu em 2001, quando o JEC já tinha 25 anos. A outra ocorreu sete anos depois, em 2008.

O curioso é que nas duas disputas os mesmos grupos brigavam pela direção do clube. No começo do século 21, Irineu Machado, presidente à época, apoiava a chapa da situação de Gerd Baggenstoss e Lourival Beckhauser. Na outra chapa, os líderes eram Alberto Mauro Bartholi e José Aluísio Vieira, incentivados por Nereu Martinelli, João Martinelli e Nédio Domingos.

Em 2008, os personagens eram diferentes, mas as composições não mudaram. Na chapa Ordem e Progresso pelo Joinville Esporte Clube, o líder era Vilmar Steil, representante da gestão Adelir Alves, incentivado por Irineu Machado. A chapa Recomeçar, opositora ao comando do JEC à época, era encabeçada por Osni Fontan, com o suporte de Nereu Martinelli, João Martinelli e Márcio Vogelsanger.

Outro detalhe interessante dos pleitos é que, nas duas ocasiões, os sócios do Joinville preferiram os grupos de oposição. Em 2001, a vitória veio apertada por apenas 100 votos (341 votos para a oposição, 241 para a situação e três nulos). Na segunda eleição, a oposição ganhou com mais tranquilidade (908 votos, contra 300

---

da situação, dez nulos e um branco).

Derrotado duas vezes, o empresário Irineu Machado confessa ter ficado aborrecido em 2001. Segundo ele, em 2008, o resultado era até previsível diante da má fase do JEC.

– Parece que só tinha eleição no JEC quando eu estava envolvido. Em 2001, fiquei chateado. Eles abandonaram o clube, assumi, enxugamos as contas, montamos um time competitivo e o pessoal não reconheceu isso.

A política também esteve presente nas duas eleições. Na primeira, Mauro Bartholi era apoiado pelo então prefeito de Joinville, Luiz Henrique da Silveira. Na segunda, Marco Tebaldi estava ao lado de Osni Fontan.

A diferença da questão política de 2001 para 2008 era a maneira como os apoios eram divulgados. Exaltava-se mais a presença de Luiz Henrique da Silveira na chapa de Bartholi do que de Marco Tebaldi no grupo de Fontan. Na verdade, até se evitava falar de Tebaldi na chapa de oposição. Tudo porque, também em 2008, houve outra disputa por voto. Esta, no entanto, se tratava de um plebiscito.

Presidente do conselho deliberativo, Marco Tebaldi convocou uma assembleia para destituir o presidente executivo Adelir Alves. O plano só não deu certo porque os sócios vota-

ram contra a ideia – 93 pela manutenção contra 84 pela saída.

Tebaldi e Adelir eram parceiros na gestão que começou em 2007, mas as diferenças de ideias os afastaram. O prefeito e presidente do conselho à época só não saiu vitorioso do plebiscito porque estava chamuscado depois que propôs no conselho deliberativo a compra de uma vaga na Série C. O caso ganhou repercussão nacional e prejudicou sua imagem junto à torcida do JEC. Em razão disso, Adelir venceu, apesar de ter feito uma administração com péssimos resultados no futebol.

Hoje, o Joinville voltou à era da gestão sem oposições. O conselho deliberativo se reúne pouco e, normalmente, não contesta as decisões da atual diretoria, formada pelo mesmo grupo desde 2008 – Márcio Vogelsanger e Nereu Martinelli se mantiveram no poder em reeleições sem concorrentes.

Os acessos consecutivos e os dois títulos nacionais ajudam a evitar formação de vozes contrárias no Joinville. A próxima eleição do Joinville ocorrerá em abril de 2016 e novamente não terá disputa entre chapas. Jony Stassun é o único candidato, uma figura relativamente nova, mas que também faz parte do atual grupo gestor do JEC.

# A ELEIÇÃO E A Arena Joinville

A Arena Joinville, nova casa do JEC, surgiu de uma amizade que nasceu em 1978. Foi nesta época que o mineiro Alberto Mauro Bartholi chegou ao Norte do Estado. Aqui, se apaixonou pelo Joinville e conheceu alguém que teria muita influência em sua vida: Luiz Henrique da Silveira. Mas os pedidos de Luiz Henrique só mudariam a rotina de Mauro Bartholi a partir de 2001.

Antes, Bartholi decidiu ser sócio e depois conselheiro do JEC. Em 1998, trabalhava como diretor administrativo da gestão Márcio Vogelsanger. Permaneceu no cargo até 2000, quando a direção inteira pediu renúncia em razão da falta de condições financeiras do clube. Nesta

época, já manifestava sua preocupação ao prefeito de Joinville

– Eu dizia a ele: ‘Luiz, você vai ficar conhecido nacionalmente pela maior tragédia do futebol. Essas arquibancadas de maneira estão desgastadas, não irão durar muito tempo. Precisamos urgentemente construir um estádio de futebol à altura da cidade?’

O plano, no entanto, não saiu do papel. A Arena Joinville só passou a ser realidade nas eleições municipais de 2000 e na eleição presidencial do JEC, em 2001. Reeleito, Luiz Henrique colocou como meta de seu governo a construção do estádio municipal. Mas só o faria se houvesse mudanças na direção do Joinville.



nville



---

– Ele disse que com aquela diretoria (formada por Irineu Machado) não sairia o estádio. E aí veio a ideia de lançarmos uma chapa para concorrer na eleição do conselho deliberativo.

Com o apoio das lideranças políticas da cidade, Bartholi venceu a eleição para o conselho deliberativo. Restava agora indicar o novo presidente. João Martinelli, José Aluísio Vieira e Nereu Martinelli foram sondados. Novamente, a indicação de Luiz Henrique pesou e Bartholi acabou alçado à presidência.

– O Luiz Henrique queria que eu fosse o presidente. Falava que o estádio só sairia comigo. Fui com o objetivo de tornar este desejo realidade.

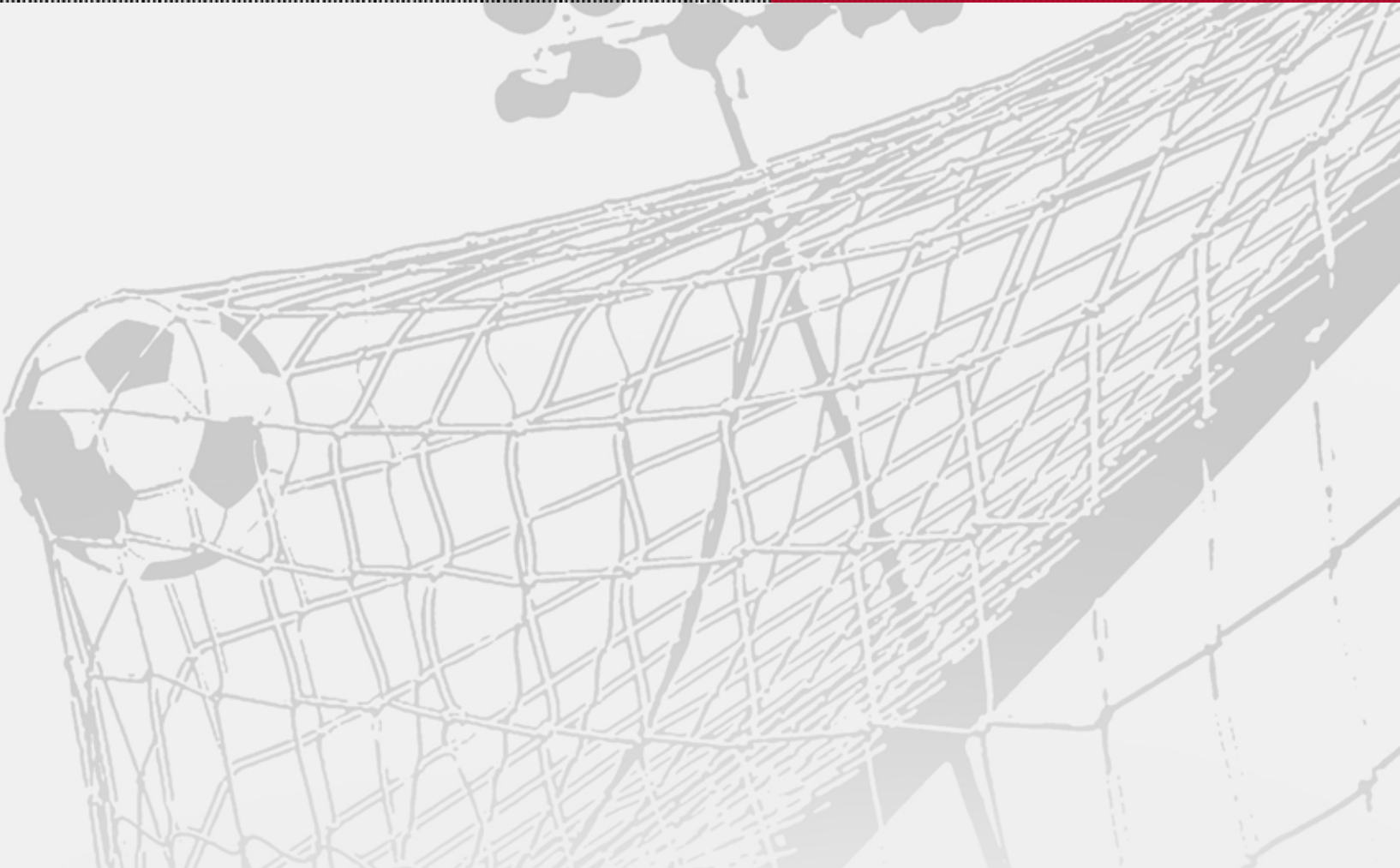
No primeiro dia como presidente, Bartholi recebeu surpreso a novidade enviada pelo Caxias: a carta de despejo do Ernestão. Como o contrato de 25

anos havia vencido, o Alvinegro gostaria de retomar suas atividades e seu patrimônio, além de manter o desejo de ver o JEC distante do estádio.

Começava, assim, uma série de batalhas para a construção do novo estádio. A ideia inicial era colocá-lo de pé ali mesmo no Ernestão. O Joinville e a Prefeitura só não contavam com tanta resistência dos caxienses.

– Tivemos reuniões duríssimas, pesadas. Eles não admitiam dividir o patrimônio com a gente e com a Prefeitura. Julgavam um absurdo, diziam que não tínhamos feito nada pelo estádio durante 25 anos – recorda.

A ameaça de despejo obrigou o Joinville a buscar novas casas. Jaraguá do Sul e São Francisco do Sul foram avaliadas para receber o Tricolor enquanto o novo estádio fosse construído. Em Jaraguá, a rivalidade entre JEC

A detailed illustration of a soccer ball hitting a goal net. The ball is in the foreground, slightly to the left, with its characteristic black and white pattern. The net is a complex grid of white lines, and the ball is shown in the process of striking it, with some lines appearing distorted by the impact. The background is a light, textured grey.

e Juventus impediu o plano. Em São Chico, faltava estrutura ao estádio do Atlético – que precisaria de iluminação e novas arquibancadas.

Restou, então, a atitude drástica: ficar no Ernestão contra a vontade do Caxias. Para fazer isso, o Joinville bateu de frente com os alvinegros, embora o presidente Mauro Bartholi tenha garantido que o clube não fugiria de suas responsabilidades.

– Falei para eles que nós não sairíamos do Ernestão enquanto o novo estádio não estivesse pronto. Disse até que poderiam entrar na Justiça contra o JEC. Mas não ficaríamos lá de graça. Continuaríamos pagando a manutenção do Ernestão.

De 2001 a 2004, o Joinville jogou no seu antigo palco e recebeu surpresas em algumas ocasiões – como a retirada das cores do JEC e mudanças na estrutura. Bartholi não se aborreceu. Seu principal objetivo, a construção

do novo estádio, estava a caminho.

Neste período, as eleições também ajudaram. Luiz Henrique da Silveira deixou Marco Tebaldi como prefeito e partiu para concorrer ao governo do Estado. Conseguiu a vitória em algo impensável para o próprio Bartholi. E do governador veio a maior parte dos recursos da Arena – R\$ 30 milhões, em duas parcelas de R\$ 15 milhões.

O ex-presidente do JEC sonhava em inaugurar a Arena com a classificação tricolor à Série A. Ele só não contava com o futebol ruim da equipe, que mandou o Tricolor para a Série C. Com o amigo Fábio Koff, do Grêmio, tentou trazer a Seleção Brasileira para a inauguração. Conseguiu apenas a equipe master do Brasil.

Apesar dos insucessos, garante estar satisfeito. Seu medo, de uma tragédia em Joinville, já parece mais distante desde a inauguração do estádio municipal em 25 de setembro de 2004.

# AVE, CÉSAR

O maior título da história do Joinville foi conquistado com muito mérito pela equipe dirigida por Hemerson Maria. Foram 70 pontos em 38 jogos. O time somou 21 vitórias, sete empates e dez derrotas. O Tricolor teve o maior número de vitórias e contou com a melhor defesa (33 gols sofridos) e o quarto melhor ataque (54 gols marcados).

Outros índices importantes valorizaram a conquista: a equipe que mais somou pontos como mandante (46 pontos, sendo destes 14 vitórias, quatro empates e apenas uma derrota); e o time que mais tempo permaneceu na liderança (13 rodadas).

Mas nada disso seria lembrado sem a ajuda de três equipes: América-RN, América-MG e Náutico. Na 35ª rodada da Série B de 2014, o JEC venceu a Ponte Preta na Arena, por 3 a 1, e abriu dois pontos de vantagem sobre a rival na disputa pelo título.

Na rodada seguinte, no entanto, o Tricolor caiu diante do Boa Esporte. A Ponte também tropeçou, em casa, com um gol nos últimos minutos, num pênalti sofrido pelo goleiro An-

drey, que estava na área. Arthur Maia, meia que jogou no Joinville em 2013, bateu e fechou o placar em 2 a 2.

O empate manteve a vantagem do Joinville em um ponto. O título poderia vir em casa. Para isso, seria preciso vencer o Luverdense e torcer por uma vitória do América-MG sobre a Ponte, em Campinas. O Coelho mineiro fez sua parte, ganhou por 1 a 0, mas o JEC tropeçou novamente e empatou por 1 a 1.

Ainda assim, a vantagem era de dois pontos. Ou seja, bastava um empate diante do Oeste para comemorar o inédito título. Neste caso, o JEC chegaria a 71 pontos, número que a Ponte também poderia alcançar se vencesse o Náutico, mas os critérios de desempate dariam o troféu ao Tricolor.

Uma derrota diante do Oeste, no entanto, só confirmaria a conquista caso a Ponte Preta não ganhasse do Náutico. E aí aparece a história do improvável herói: o goleiro Júlio César, do Náutico.

Júlio César começou a carreira no Corinthians. Lá, se destacou em

2011. Terminou o ano como campeão brasileiro da Série A e titular absoluto. Na temporada seguinte, no entanto, deu início ao fim de sua trajetória no Timão. Em um jogo das quartas de final do Campeonato Paulista, Júlio falhou em dois gols. O rival, a Ponte Preta, venceu por 3 a 2 e eliminou o Corinthians.

Depois disso, Tite barrou o goleiro. Cássio assumiu a titularidade e foi um dos grandes responsáveis pela conquista da Libertadores e do Mundial, diante do Chelsea. O antigo titular perdeu espaço definitivamente e acabou cedido ao Náutico. Por ironia do destino, Júlio César fez uma de suas melhores exibições justamente contra a Ponte Preta, time que provocou sua queda. Sorte do JEC.

Na última rodada, O Tricolor não conseguiu ser aquele time dono dos melhores números da Série B. Pior: viu o Oeste abrir o placar. Este resultado deixava a Ponte Preta a uma vitória do título. Só que havia Júlio César no meio do caminho.

Na Arena Pernambuco, o goleiro fez, pelo menos, quatro defesas milagrosas. Roni (duas vezes), Renato Cajá e Alexandro (faltando dois minutos para o fim) viram seus arremates pararem nas mãos e nos pés do goleiro. O curioso é o que o jogo não valia nada para o Náutico. Mesmo assim, Júlio César manteve o profissionalismo.

– Quando você entra em campo,

você defende seu nome e sua história. Foi o que eu fiz. Tentei fazer o meu melhor, independentemente de o Náutico ter alcançado o objetivo dele na Série B. A gente tem que ter na cabeça que sempre tem alguém nos observando. Precisamos ser profissionais o tempo todo.

Graças ao profissionalismo de Júlio César, o JEC não precisou vencer para ser campeão. E a atuação de gala o transformou, indiretamente, num dos grandes responsáveis pela conquista do Joinville.

– Foi, realmente, uma das grandes atuações da minha carreira. Mas o mérito todo foi do Joinville pelo que fez no campeonato. É legal saber que, mesmo indiretamente, o pessoal me agradece pela atuação. O futebol é isso e eu fico feliz por poder ajudar.

Talvez a falha justamente diante da Ponte Preta, em 2012, tenha motivado Júlio César. Ou até uma colaboração espontânea do JEC (o goleiro nega que tenha recebido algum incentivo em dinheiro para jogar bem, mas, em Joinville, há quem diga que houve prêmio).

Sem saber ao certo o que aconteceu, o torcedor prefere agradecer. Em 29 de novembro de 2014, a expressão “Ave, César (Salve, César)”, utilizada pelo império romano para saudar o imperador Júlio César, ganhou outro significado para os jequeanos, campeões nacionais da Série B.

---

# O DIA EM QUE O JEC COLOCOU O INTER NA RODA

Os torcedores mais jovens não conhecem a história, mas os jequeanos das antigas não se esquecem das imagens daquele domingo de maio de 1981 no Ernestão. O JEC recebia para um amistoso o Internacional, vice-campeão da Libertadores e semifinalista do Brasileirão do ano anterior.

Em 45 minutos, a máquina tricolor já vencia por 3 a 1. O quarto gol no começo do segundo tempo foi a senha para o Colorado protagonizar uma das mais vergonhosas cenas do futebol joinvilense. Para que a goleada não fosse maior, partiu a ordem para que os jogadores caíssem no chão, obrigando o árbitro a

encerrar a partida.

Os desavisados podem imaginar que fosse um time qualquer do Inter, uma equipe B montada para um simples amistoso contra um time de menor expressão. Mas não era. O Colorado veio a Joinville com nomes como o goleiro Benítez e o meia Mário Sérgio – eleitos entre os melhores do Brasileirão daquele ano –, além do zagueiro Mauro Galvão.

Só que eles não esperavam que o JEC de Borrachinha, Ladinho, Carneiro, Nardela e companhia seria um adversário tão difícil.

No meio destes dois esquadrões estava um dos personagens centrais da polêmica: o árbitro Alvir Renzi.

---

Tudo começou aos sete minutos, quando o jogo já estava empatado por 1 a 1 – Pedro Verdum tinha aberto o placar e Ladinho, igualado. Por fazer uma falta dura em Narde-la, Mário Sérgio recebeu o cartão amarelo. Ele não gostou da marcação e foi ríspido demais na reclamação. Levou vermelho.

– Ele quis me menosprezar, me esnobar. Falou algo como: ‘Você quer fazer o nome nas minhas costas’ – lembra Renzi.

– Achou que o Inter era muito grande para jogar com o JEC. Para um árbitro, não importa. Ele quis me intimidar e expulsei – conta.

Com um a mais em campo, o Joinville colocou o Inter na roda. Barbieri e Jorge Luís Carneiro ampliaram para 3 a 1 antes do intervalo. Na volta para o segundo tempo, Zé Carlos Paulista fez o quarto.

Quando Renzi puxou o cartão vermelho para Tonho, do Inter, ficou claro que o time gaúcho não queria mais jogar bola. Mauro Galvão, Claudio Mineiro e Ademir saíram de campo lesionados e o árbitro encerrou o jogo aos 25 minutos, por falta de jogadores em campo.

Um dos zagueiros mais vitoriosos do futebol brasileiro, Mauro Galvão estava em sua terceira temporada no Inter quando o episódio aconte-

ceu. Trinta e três anos se passaram e lembrar de um jogo tão específico em uma carreira de mais de duas décadas não é fácil, mas o ex-xerife recorda que a arbitragem deu o que falar naquele dia.

– Não lembro muito bem. O que posso falar é que foi um jogo bastante conturbado, com lances polêmicos da arbitragem – resume.

No entanto, Galvão é enfático ao negar a possibilidade de o time gaúcho ter feito um cai-cai, história que ainda é contada e recontada pelos torcedores do Joinville.

– Era uma partida amistosa, então não tinha por que fazermos isso. Aconteceram coisas durante o jogo e cada um interpreta de um jeito.

Mas o que Mauro Galvão nega foi confirmado ainda na época pelo então técnico do Internacional, Cláudio Duarte. Ao jornal *Folha da Tarde Esportiva*, de Porto Alegre, ele declarou à época:

– Infelizmente, o árbitro Alvir Renzi foi lamentável. Perseguiu os jogadores do Inter, ofendeu-os e inventou faltas. Esse cara não existe como árbitro. Como estávamos sendo tão prejudicados, após as expulsões injustas de Mário Sérgio e Tonho, além das lesões de Galvão e Mineiro, pedi que o Ademir caísse para que o jogo terminasse.

# O CLÁSSICO ENTRE pai e filho

O Joinville Esporte Clube é um produto criado a partir de uma grande rivalidade. América e Caxias deixaram de lado as disputas dentro de campo – e as diferenças fora dele – para unirem forças em favor do crescimento do futebol na cidade. E a ideia deu certo. Antes, Caxias e América, juntos, conseguiram apenas oito títulos estaduais – cinco do América e três do Caxias. Depois, a partir de 1976, o JEC conseguiu nove títulos em apenas dez anos – oito em sequência e um já no ano de fundação.

Essa história, que nasceu campeã, ajudou a unir os rubros e os alvinegros. Ficou fácil o Joinville cair no gosto de todos os torcedores. Facilitou também o fato de a equipe levar o nome da cidade nas disputas estaduais e nacionais.

Mas nem sempre o JEC reinou sozinho na cidade. Após o 12º título estadual, em 2001, o Tricolor viu o nascimento de um rival. Na verdade, era o renascimento de uma equipe que ajudou a dar

origem ao Joinville: o Caxias.

A razão deste renascimento do Alvinegro tem grande relação com o Joinville. Derrotados na eleição do JEC em 2001, alguns diretores direcionaram os projetos do futebol para o Caxias. E assim, o Gualicho, presidido pelo empresário Vilson Alves, teve o apoio de Irineu Machado, ex-presidente do Tricolor e candidato derrotado nas eleições.

O ressurgimento do Caxias em 2001 sempre causou uma grande expectativa na cidade para a realização de um clássico. No entanto, o Joinville nunca fez questão de enfrentar seu “pai”. A imprensa e parte da torcida até fomentavam a organização de um amistoso, que nunca saiu do papel.

Sem este clássico “forçado”, restava ao Caxias buscar o caminho para enfrentar o JEC, ou seja, subir da Segunda para a Primeira Divisão de Santa Catarina. Em 2001, o Alvinegro bateu na trave: derrotado na final da Segundona pelo Atlético de Ibirama, o time joinvilense não



conseguiu o acesso.

Em 2002, o acesso aconteceu. O Caxias levantou o título da Segundona após derrotar o Tiradentes, de Tijucas. E o detalhe é que boa parte da formação do alvinegro contava com a ajuda de ex-jogadores do JEC. A promoção à Primeira Divisão poderia ajudar a reunir os dois times da cidade.

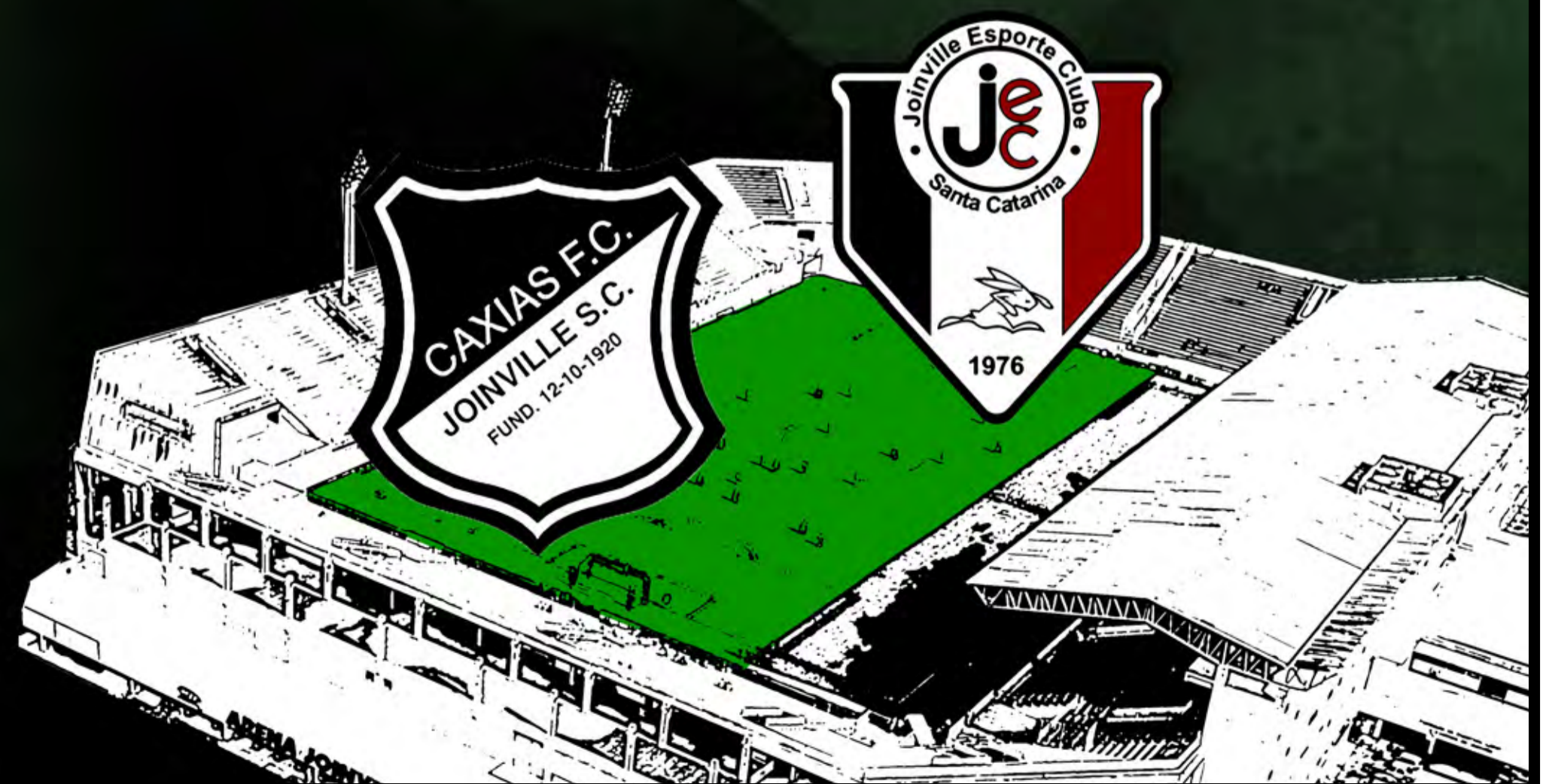
Mas o esperado clássico em 2003 não aconteceu. E olha que o encontro quase protagonizou a final do Campeonato Catarinense daquele ano. Na época, o Joinville enfrentou o Figueirense numa das semifinais e o Caxias encarou o Criciúma na outra semifinal. O JEC acabou eliminado, enquanto o Alvinegro passou pelo Tigre.

O curioso é que, mesmo com chances reais de os times se enfrentarem, os torcedores do Join-

ville nunca viram o Caxias como um rival. Há bons motivos para entender esse pensamento. Durante quase 30 anos, o JEC se acostumou a enxergar Avaí, Figueirense e Criciúma como grandes adversários. O Caxias, apesar de ser da mesma cidade, nunca havia enfrentado o JEC.

E essa falta da rivalidade ficou provada nos jogos do Caxias no Estadual de 2003. Contra o Criciúma, na semifinal, e diante do Figueirense, na final, foram os torcedores do JEC (muitos uniformizados) que estiveram no Ernestão para apoiar o Alvinegro. Tudo em razão das disputas com o Tigre e com o Figueira.

Sem se encontrar em 2003 e 2004 (neste ano, o regulamento do Estadual não permitiu o encontro entre JEC e Caxias), o clássico existia apenas no imaginário das pessoas.



O primeiro jogo só foi acontecer em 2005, na disputa da Série A2 do Campeonato Catarinense. O torneio servia para movimentar as equipes que não disputavam as séries A e B do Campeonato Brasileiro. Como o Tricolor estava na Série C, teve de enfrentar o Caxias logo na primeira rodada do campeonato.

A partida aconteceu no dia 14 de maio de 2005, quatro anos depois da reativação do Caxias. O palco era a Arena Joinville e, neste jogo, o JEC atuou como visitante – foi o único confronto da história no qual o Joinville foi visitante em sua nova casa.

A motivação era toda do Caxias. Na época, o técnico Roberto Gaúcho chegou a dizer que “o time daria carinho até em placa de publicidade se fosse preciso”. O Joinville, obviamente, era o favorito e tinha a maior parte dos quase dez mil torcedores presentes na Arena.

O Alvinegro até marcou o primeiro

gol da história do clássico – Everaldo abriu o placar –, mas acabou derrotado, de virada, por 4 a 1. A goleada mostrou o Joinville muito melhor. Depois deste jogo, as equipes voltaram a se enfrentar outras três vezes. A rivalidade até cresceu neste período porque o Caxias conseguiu fazer duelos equilibrados.

No retorno da Série A2, o Gualicho esteve perto de vencer o clássico. Abriu 2 a 0 de vantagem na Arena num dia em que a neblina era tão grande, que poucos torcedores nas arquibancadas conseguiam ver a bola. O Joinville reagiu na segunda etapa e empatou, mas o resultado deu início à queda do técnico Artur Neto.

Apesar da pequena rivalidade, os torcedores do Joinville não admitiam perder para o Caxias. Fazia sentido diante da diferença de estrutura e investimento entre as duas equipes.

Em 2006, os “rivais” disputaram os últimos clássicos da história. No

turno do Campeonato Catarinense, outra goleada do JEC na Arena: 4 a 0. No retorno, o Joinville foi visitante pela primeira vez no Ernestão e tropeçou – empate por 1 a 1. O resultado agravou a crise que rondava o JEC e ajudou a provocar a queda do técnico Vagner Benazzi.

O resumo da história da rivalidade entre pai e filho: quatro jogos, com duas vitórias do JEC e dois empates. O resumo do sentimento dos torcedores: o sonho dos caxienses era vencer o Tricolor. A obrigação do Joinville, segundo seus torcedores, era nunca perder para o Caxias. Não havia rixas entre torcedores, mas era este o sentimento que mexia com os clubes.

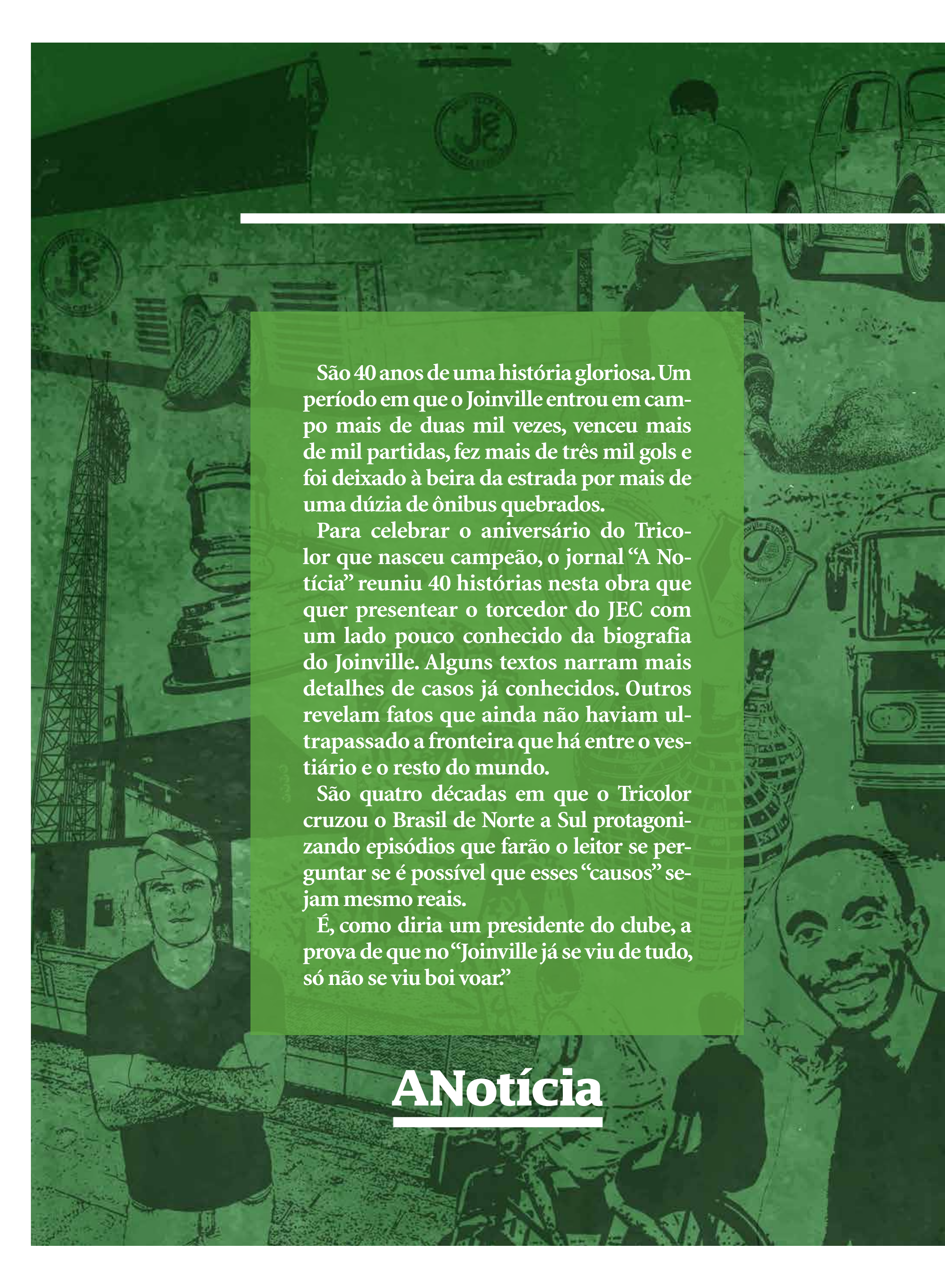
O joinvilense Cinésio Mendes Júnior, que atuou durante seis meses na base do JEC e depois jogou no Caxias, confirma a sensação. Segundo ele, apesar de todas as dificuldades – em 2006, os jogadores do Alvinegro passaram o Estadual inteiro sem receber

salários –, a única motivação dos caxienses era vencer o Joinville.

– A gente tinha esta vontade porque muitos ali eram ex-jogadores do JEC. Na verdade, esta era a nossa única motivação. Se vencêssemos, faríamos história e poderíamos ser vistos por algum outro clube. Tivemos muitas chances de ganhar, mas infelizmente não aconteceu – relembra.

Em razão das dívidas, o Caxias sumiu aos poucos do futebol. Em 2010, levantou o título da Série C do Catarinense e almejava o acesso à Série B já em 2011 para voltar a enfrentar o JEC. No entanto, faltavam condições financeiras.

O Alvinegro encerrou suas atividades no futebol profissional e o Joinville voltou a reinar sozinho, embalado pelos títulos nacionais da Série C, em 2011, e da Série B, em 2014. Mas durante dois anos, os tricolores tiveram de conviver com o seu “pai”, que nunca venceu o filho, mas dava trabalho.



São 40 anos de uma história gloriosa. Um período em que o Joinville entrou em campo mais de duas mil vezes, venceu mais de mil partidas, fez mais de três mil gols e foi deixado à beira da estrada por mais de uma dúzia de ônibus quebrados.

Para celebrar o aniversário do Tricolor que nasceu campeão, o jornal “A Notícia” reuniu 40 histórias nesta obra que quer presentear o torcedor do JEC com um lado pouco conhecido da biografia do Joinville. Alguns textos narram mais detalhes de casos já conhecidos. Outros revelam fatos que ainda não haviam ultrapassado a fronteira que há entre o vestiário e o resto do mundo.

São quatro décadas em que o Tricolor cruzou o Brasil de Norte a Sul protagonizando episódios que farão o leitor se perguntar se é possível que esses “causos” sejam mesmo reais.

É, como diria um presidente do clube, a prova de que no “Joinville já se viu de tudo, só não se viu boi voar.”

# A Notícia